

Pedidos feitos.
2/12. 

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER.

1º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

• ELISABETH.....	MARIA LUIZA
• CLOTILDE.....	MARIA YEDA
• CIBILA.....	DIVA GONÇALVES
• MARQUEZA.....	LINDA GAY
• AYALA.....	DORIVAL CABRERA
• MIGUELA.....	ELVIRA TEREZINHA
• LUIZ CARLOS.....	JORGE ALBERTO
• OLENKA.....	TÂNIA MARIA
• RUDÁ.....	CEZAR MAGNO

CENÁRIOS:

- 1º) - SALETA ANTIGA, LUXUOSA, COM PORTAS E JANELAS OGIVAIS, ESCADARIA QUE LEVA AO ANDAR SUPERIOR.
- 2º) - BARRACA DE CIGANOS, ARMADA EM MEIO DE BOSQUE. PAINEL DE ÁRVORES E RIO. ALGUMAS ÁRVORES EM VOLTA.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SANGUE CIGANO
NOVELA DE ÉRICO CRAMER PARA A
TV PIRATINI - CANAL 5

1º CAPÍTULO

.....
GETÊS: (Os de abertura)

AUDIO: PREFIXO MUSICAL - FUNDE COM VIOLI
NO CIGANO QUE FICA EM FUNDO ENQUANTO
CORREM OS GETÊS.

ABERTURA em DET de mãos, bordando
num bastidor qualquer coisa fina.

AFASTAMENTO até P.G. de SALETA FI
NA E ANTIGA, vendo-se ELISABETH, bor
dando.

ELISABETH BORDA POR ALGUNS MOMENTOS JUNTO

A MESINHA COBERTA POR UM PANO DE VELUDO.

ENTRA CLOTILDE DO FUNDO, INDO ATÉ ELISABETH.

- SALETA FINA E ANTIGA

CLOTILDE - Dona Cibila está aí. Queria fa
lar com a Senhora Marqueza, mas como ela
ainda está repousando, disse que poderia falar
com a senhora.

ELISABETH - Faça-a entrar, Clotilde.

CLOTILDE - Vale a pena ver como está vesti
da. Parece uma menina.

ELISABETH - Oh, Clotilde, você não perdôa
a Cibila por gostar de acompanhar a moda.

CLOTILDE - Não, dona Elisabeth, não é isto.
O que eu não perdoo na dona Cibila é a ma
nia de querer se fazer passar por mocinha.
Acho ridículo.

ELISABETH - Está bem, Clotilde. Faça entrar
dona Cibila.

CLOTILDE - Com licença.

CLOTILDE SAI. ELISABETH SOLTA O BORDADO NA
MESA, LEVANTA-SE E VAI A UM ESPELHO AGEITAR
OS CABELOS. QUANDO ELA VEM DE VOLTA, ENTRA
CIBILA, EXAGERADAMENTE VESTIDA E PINTADA, MAS
REVELANDO, NO ROSTO, OS SEUS CINCOENTA ANOS.

ELISABETH VAI AO ENCONTRO DELA E AMBAS
SE ABRAÇAM E SE BEIJAM. SENTAM-SE, APÓS -

ELISABETH - Olá, querida Cibila, como vai
você?

CIBILA - Não tão bem quanto você que es-
tá cada vez mais linda, mas vai-se viven-
do ao sabor da vontade divina.

ELISABETH - Você está muito bem. Muito
elegante, muito chic, como sempre. Sente-
se.

AS DUAS SE SENTAM E CIBILA OLHA-SE NO
PEQUENO ESPELHO DE SUA BOLSA.

CIBILA - Obrigada, obrigada. Você é muito
amável. Mas eu estou aqui convocada pela
senhora Marqueza, para tratarmos de uma
grande tómbola que ela pretende realizar
nos jardins do seu solar, em benefício
das obras do Asilo de Santa Tereza.

ELISABETH - Titia não deve demorar. Como
sabe, ela repousa, sempre, após o almoço,
mas a esta hora já costuma estar de pé.

SURGE A MARQUEZA DE UMA OUTRA PORTA.

VAI PARA CIBILA, ABRAÇA-A E BEIJA-A.

ELISABETH - Olhe, eu não disse que ela
não tardaria...

MARQUEZA - Olá, Cibila, como vai você?

CIBILA - Muito bem, obrigada, e a minha
querida amiga como está?

MARQUEZA - Um pouco melhor. Quasi bem.
Quando o frio se vai, parece que os meus
achques se vão com êle.

CIBILA - Seu aspecto é ótimo. Mas sabe
por que estou aqui?

MARQUEZA - Claro. Se fui eu que mandei
chamá-la... É que eu desejava algumas su-
gestões para a tómbola que pretendo rea-
lizar dentro de trinta dias.

ELISABETH - Ah, titia, por falar nisto, eu tenho uma ótima sugestão que me foi da da pelo Luiz Carlos. Exibirmos um violinista cigano que faz parte de um bando acampado no bosque da cidade e que toca maravilhosamente bem.

MARQUEZA - Um violinista cigano, disse você?

ELISABETH - Sim, titia. Disse que ele apareceu no restaurante da praça, quando o Luiz Carlos estava jantando lá e fez um sucesso total. Não acha que seria interessante apresentá-lo como atração do nosso garden-party?

MARQUEZA - Não sei, não... eu tenho um pouco de medo dos ciganos. Eles não inspiram muita confiança. Você não acha perigoso, Cibila?

CIBILA - Sinceramente, não. Não sei se é porque eu adoro as coisas diferentes... Acho que seria um sucesso a apresentação de um cigano no nosso party.

MARQUEZA - Mas quem irá procurá-lo no acampamento e falar com ele?

ELISABETH - Eu mesma poderia ir, acompanhada pelo Luiz Carlos.

MARQUEZA - Ah, não. Você sózinha com ele, de maneira alguma.

CIBILA - Mas eu poderia acompanhá-la, se a senhora Marqueza quizesse...

MARQUEZA - Ah bem, aí já seria diferente.

CIBILA - Pois então, Elisabeth, combine com o Luiz Carlos e depois me avise. Eu irei com vocês.

CIBILA - Toda a vida sonhei conhecer, de perto, um acampamento de ciganos. Agora vou ter essa oportunidade. Ah, meu Deus, que coisa alucinante! Que coisa alucinante!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de CIBILA,
sonhando, exagerada.

FUSÃO com G.P. de MIGUELA, cigana ve
lha, fumando cachimbo, acocorada, na fren
te de uma BARRACA DE CIGANOS, numa cla
reira do mato. AYALA, cigano velho, de
pé na entrada da barraca, olha longe.

- BARRACA DE CIGANOS -

AYALA - Rudá e Tamara foram outra vez co
lher cerejas silvestres no meio do bosque.

MIGUELA - Seu neto pensa que gosta da fi-
lha de Tamir, mas eu que estou sempre quie
ta com o meu cachimbo e observando as coi-
sas, tenho a certeza que a felicidade de
Rudá não está com Tamara.

AYALA - Neste caso, por que anda ele, sem
pre, em redor dela?

MIGUELA - Porque Olenka meteu-lhe na cabe
ça que êle deve casar com ~~ela~~ Tamara.

AYALA - Olenka?! Você tem certeza do que
diz, Miguela?

MIGUELA - Mas é claro, Ayala. Quem não sa
be que sua nora é ambiciosa, principalmen
te tratando-se do seu filho? Tamir é o
chefe do bando. Casando-se com Tamara, Rudá
seria o chefe, quando Tamir morresse.

AYALA - Sim, pode ser... e além disto, Ta
mir tem uma fortuna em moedas de ouro e
cavalos de puro sangue.

AYALA SE ACOCORA PERTO DE MIGUELA E BAIXA O TOM

AYALA - Você nunca olhou a mão de Rudá, Mi
guela?

MIGUELA - Uma vez, sim, mas faz muito tempo
e às vezes as linhas se modificam.

AYALA - Gostaria que tornasse a olhá-la,
na primeira oportunidade.

MIGUELA - Mande-o falar comigo, sob qualque
pretexto e eu me lembrarei do seu pedido.

AYALA - Está bem. Amanhã ou depois, farei com que êle venha trazer-lhe qualquer recado.

MIGUELA - Eu mentirei a êle que tive um sonho a respeito do seu futuro e peço-lhe para me deixar olhar sua mão, afim de confirmar o sonho.

AYALA - Gosto de Tamara e desejaria que Rudah casasse com ela, mas se a felicidade dele está junto de outra, desejo, antes de tudo, que meu neto seja feliz.

MIGUELA - Ele vai ser feliz, um dia... mas antes... vai tropeçar em grandes ilusões.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MIGUELA, olhando para a frente, pensativa.

FUSÃO com G.P. CLOTILDE, de pé, na - SALETA FINA E ANTIGA -

AFASTAMENTO até P.A. de CLOTILDE e LUIZ CARLOS

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CLOTILDE - O senhor tenha a bondade de sentar-se um momento que elas não demoram. Estavam mesmo à sua espera.

L. CARLOS - Eu me atrasei um pouco porque tive que betar gazolina no carro.

CLOTILDE - Eu vou avisá-las que o senhor já chegou. Com licença.

L. CARLOS - É sua.

CLOTILDE SAI. ELE ACENDE UM CIGARRO OU PEGA UMA REVISTA PARA FAZER TEMPO. HA UMA PAUSA.
ENTRAM ELISABETH E CIBILA, PRONTAS PARA SAIR, SENDO QUE CIBILA ESTÁ DE CHAPÉU. AMBAS DE BOLSA E LUVAS. ELAS VÃO AO ENCONTRO DE L. CARLOS.

CIBILA - Boa tarde.

ELISABETH - Finalmente, chegou. Há mais de quinze minutos que estamos prontas.

L. CARLOS - Eu peço desculpas do atraso mas fiquei sem gazolina no tanque e fui obrigado a reabastecer o carro.

ELISABETH - Não tem importância. Reclamei por brincadeira. Você sempre acha que eu demoro, quiz mostrar que hoje quem demora

ELISABETH - foi você.

CIBILA - Acho que podemos ir pare não voltarmos muito tarde; não lhes parece?

L. CARLOS - Quando quiserem. Eu estou às ordens. E já vou por o motor do carro em andamento. (SAI)

ELISABETH - É, podemos ir andando.

ENTRA A MARQUEZA, ACOMPANHADA DE CIOTILDE

E AO TEMPO QUE FALA SE DIRIGE PARA ELISABETH

MARQUEZA - Você pretende ir a um acampamento de ciganas cheia de joias?

AO TEMPO QUE FALA TIRA A CORRENTE COM MEDA

LHA DO PEITO DA SOBRINHA, OS BRINCOS E ANEL.

MARQUEZA - Não sabe que os ciganos são ambiciosos e que não se pode confiar neles? As ciganas, então, vende joias de tão grande valor, serão capazes, até, de agredi-la.

VAI PARA CIBILA E TIRA-LHE UM PREGADOR E

UMA PULSEIRA, AO TEMPO QUE FALA COM ELA.

MARQUEZA - Você também deixe ficar aqui esse pregador, essa pulseira e os seus brincos. Não se deve brincar com fogo.

CIBILA - A senhora Marquiza tem razão. Eu não me havia lembrado disto.

ELISABETH - A titia tem uma prevenção com os ciganos como eu nunca vi.

MARQUEZA - Tenho, sim, mas tenho porque os conheço de perto. Mas vão, andem. Vão para não voltarem muito tarde que me deixarão apreensiva.

ELISABETH BEIJA A MARQUEZA E CIBILA TAMBÉM.

ELISABETH - Pode ficar tranquila, titia, que vamos bem acompanhadas.

CIBILA - Até logo, senhora Marquiza. hei de fazer empenho para voltar logo.

AS DUAS SAEM. A MARQUEZA VAI A JANELA.

AUDIO - MOTOR DE AUTOMÓVEL LIGANDO E SAINDO. ARRANCA E O RUÍDO SOME.

MARQUEZA - Eu não vou ficar descansada enquanto elas não vultarem.

GIOTILDE - Mas o senhor Luiz Carlos vai m com elas, senhora Marqueza. Não há porque se preocupar.

MARQUEZA - E que adiante ele ir? Você pensa que eu confio nes homens de hoje? Homens mesmo de verdade eram os de meu tempo. Os de hoje? Deus que me perdõe!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARQUEZA

FUSÃO com G.P. de OLENKA, na frente de RUDÁ, CIBILA e ELISABETH.

BARRACA DE CIGANOS (INTERIOR)

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

OLENKA - Os senhores desejam alguma coisa? Querem falar com o Chefe de Bando ou com alguma cigana em particular?

L. CARLOS - Estas moças precisam falar com o cigano que toca violino.

OLENKA - É Rudá, o meu filho, mas para falarem com êle, precisam dizer, antes, a mim, que sou sua mãe, qual o assunto que pretendem tratar com êle.

ELISABETH - É que vamos fazer uma festa de caridade e desejavamos convidá-lo para tocar em nossa festa.

CIBILA - Sabemos que êle toca divinamente bem.

OLENKA - Para mim, que sou mãe, não há quem toque melhor, mas deve dizer-lhes, senhoras, que êle faz profissão de sua música. Não sei se me entenderam?

ELISABETH - Perfeitamente, senhora. Quando nos dispuzemos a vir procurá-lo, sabíamos perfeitamente que deveríamos pagar o seu trabalho.

OLENKA - Ainda bem. Dessa forma não teremos dificuldade de nos entender.

CIBILA - Poderemos falar com ele agora?

OLENKA - Ainda não. O preço deve ser tratado comigo.

ELISABETH - Perfeitamente. Quanto a senhora cobraria para seu filho tocar uns cinco ou seis números na nossa festa?

OLENKA - (Pausa) Tres mil cruzeiros por número. Serve assim?

ELISABETH - Está muito bem.

CIBILA - (rápida) Podemos falar com ele agora?

OLENKA - Um momento.

OLENKA VAI AO FUNDO DA BARRACA, LEVANTA UMA PARTE DA LONA E FALA PARA SEGUNDO PLANO.

OLENKA - Rudá, chegue aqui um momento que tem uma moça e uma senhora que querem falar com você.

CIBILA - Perdão, uma senhora, não. Duas moças.

OLENKA - Bem... eu fui pelo aspecto.

SURGE DO FUNDO DA BARRACA A FIGURA DE RUDÁ. AO DEPARAR COM ELISABETH ELE PARA E TEM UM CHOQUE

CORTE

P.P. de ELISABETH, emocionada.

CORTE

P.A. de RUDÁ e OLENKA

OLENKA - Que houve? São essas ^{as} moças que querem falar com você.

A CÂMARA DERIVA PARA RUDÁ QUE AINDA ESTÁ SURPRESO, MAS AOS POUCOS COMEÇA A SORRIR, FELIZ.

APROXIMAÇÃO até G.P. de RUDÁ

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

SUPERPÔE os slides de encerramento sobre o rosto de RUDÁ, ELISABETH e CIBILA. Cada um com uma expressão.

- Fim do 1º Capítulo.

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER

2º CAPÍTULO

Pedidos feitos
em 2.12.63

PERSONÁGENS:

ELISABETH.....	MARIA LUIZA
CLOTILDE.....	MARIA YEDA
CIBILA.....	DIVA GONÇALVES <i>Lina Ariete</i>
MARQUEZA.....	LINDA GAY
MIGUELA.....	ELVIRA TEREZINHA
LUIZ CARLOS.....	JORGE ALBERTO
OLENKA.....	TÂNIA MARIA <i>Marlene Nery</i>
RUDÁ.....	CEZAR MAGNO
DR. CELSO.....	ARY REGO <i>J.C.</i>
NENECA.....	VERA JONES
TAMARA.....	MARZA OLIVEIRA
TAMIR.....	ANTONIO DINIZ

CENÁRIOS:

- 1º) - SALETA ANTIGA E LUXUOSA DO CAPÍTULO ANTERIOR.
2º) - BARRACA DE CIGANOS DO CAPÍTULO ANTERIOR.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

Pag. 1

ABERTURA em G.P. de RUDÁ, olhando, deslumbrado, na direção de ELISABETH.

CORTE

G.P. de ELISABETH, emocionada.

CORTE

P.A. de RUDÁ e OLENKA

- BARRACA DE CIGANOS -

OLENKA - Que houve? São essas as moças que querem falar com você.

RUDÁ COMEÇA A SORRIR, FELIZ E CAMINHA PARA ELISABETH QUE SE MOSTRA EMOCIONADA. CIBILA TAMBEM OLHA PARA RUDÁ, COMPLETAMENTE EMPOLGADA, MOSTRANDO-LHE O SEU MELHOR SORRISO.

OLENKA OBSERVA O FILHO, DESAGRADADA. L. CARLOS OBSERVA TAMBEM.

RUDÁ - A senhorita desejava alguma coisa de mim?

ELISABETH - (emocionada) Sim... quer dizer...

CIBILA METE-SE NO MEIO DOS DOIS E TODA SORRISOS TOMA A PALAVRA E EXPLICA

CIBILA - É que nós vamos realizar uma grande festa de caridade nos jardins do Solar da Senhora Marqueza Ana Luiza Tereza de Chambord e desejávamos que o senhor abrilhantasse a nossa festa, executando alguns números ao violino. Sabemos que toca maravilhosamente bem e queríamos...

RUDÁ QUE NUNCA OLHOU PARA CIBILA, SEM BRUTALIDADE, AFASTA-A E SE COLOCA MAIS PERTO DE ELISABETH, LEVANTANDO-LHE O ROSTO PARA ELE.

RUDÁ - A senhorita também vai tomar parte nessa festa?

ELISABETH - Sim... quer dizer... eu sou uma das organizadoras.

RUDÁ - Pois então, pode contar comigo, independente de condições.

OLENKA - As condições já foram acertadas por mim. Não há mais o que alterar neste sentido. O que falta combinar é o programa.

RUDÁ - A senhorita vai querer música cigana?

ELISABETH - Sim. Exclusivamente. E se não houver nenhum inconveniente, desejaria, também, que o senhor se apresentasse com suas roupagens típicas. Parece-me que ficaria mais interessante.

RUDÁ - Não há dúvida. Hei de apresentar-me condignamente.

CIBILA SE ATRAVESSA NO MEIO DOS DOIS, EM NOVA TENTATIVA, SEMPRE SORRINDO EXAGERADAMENTE.

CIBILA - Pois então estamos combinados e depois nós voltaremos aqui para dizer-lhe a hora que mandaremos buscá-lo.

RUDÁ QUE NÃO OLHOU PARA ELA, VOLTA A AFASTÁ-LA E A SE COLOCAR NA FRENTE DE ELISABETH.

RUDÁ - Ainda não me disse onde poderei encontrá-la, caso precisemos combinar qualquer coisa...

ELISABETH - No Solar da Marquiza de Chambord, no Boulevard dos Republicanos. Perguntando pelo Solar da Marquiza qualquer pessoa lhe informa.

ENTRA LUIZA CARLOS EM QUADRO, DIRIGE-SE A ELISABETH.

L. CARLOS - Penso que é tempo de voltarmos. A marquiza pode ficar preocupada com a nossa demora. Passe bem, minha senhora... senhor Rudá até outra vista.

CIBILA - Passe bem senhora. Passe bem, moço.

CIBILA DÁ A MÃO A RUDÁ QUE A SEGURA SEM PRESTAR-LHE QUALQUER ATENÇÃO, FALANDO COM ELISABETH.

RUDÁ - Sinto que se vá tão depressa, mas prometo que hei de procurá-la brevemente.

CIBILA FICA COM RAIVA E ARRANCA A MÃO DA MÃO DELE, SAINDO COM LUIZ CARLOS, NUMA RABANADA. RUDÁ PEGA A MÃO DE ELISABETH E BEIJA-A OLHANDO-LHE OS OLHOS.

ELISABETH - Passe bem.

ELISABETH SAI E RUDÁ FICA OLHANDO PARA A DIREÇÃO EM QUE ELA SAIU, SORRINDO, ENLEVADO. OLENKA VEM A ELE, COM AR SOMBRIO E TOCA-LHE O OMBRO

OLENKA - Cuidado, Rudáh! Muito cuidado! Não se deixe impressionar por essa gente. Lembre-se que nos desprezam e nos consideram uma raça inferior. E além disto... você não é um homem livre. Tem compromisso com Tamara e não pode faltar com ela. É filha de Tamir e Tamir é o chefe do bando.

APROXIMAÇÃO até G.P. de OLENKA, preocupada.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de MARQUEZA, conversando com o doutor CELSO, sentados, ambos, na

- SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

MARQUEZA - Não fossem os meus achaques de coração e eu não lhe daria esse trabalho de vir semanalmente à minha casa.

CELSO - Não é um trabalho, senhora Marqueza, acredite. Estar na sua presença é sempre, para mim, um renovado prazer.

MARQUEZA - O meu caro médico e amigo bem mostra que pertence a uma outra época, quando os homens tinham a preocupação de se mostrarem gentis e educados para com as damas. Ah que os homens de hoje...

CELSO - Tem razão, senhora Marqueza, tem toda a razão. Nem vale a pena perder-se tempo a falar neles. Vamos falar de pessoas mais agradáveis. Sua sobrinha, por exemplo, que hoje não tive o prazer de ver.

MARQUEZA - Elisabeth anda atarefadíssima com a festa que vamos fazer no jardim, possivelmente no próximo mez. Foi ao decorador, pedir projetos de ornamentação.

CELSO - Já sei que vai ser uma festa brilhante, como todas as que ela se envolve e a senhora Marqueza idealiza.

A MARQUEZA ACENA COM A CABEÇA, SORRINDO, AGRADECENDO. ENTRA NENECA COM UMA BANDEIJA DE PRATA E DOIS COPOS ALTOS, DE REFRESCO. OFERECE O PRIMEIRO À MARQUEZA E O SEGUNDO AO DOUTOR CELSO. FICA PARADA PERTO DELES, COM A BANDEIJA NA MÃO, ESPERANDO OS COPOS.

CELSO - (servindo-se) Ah, muito obrigado. E essa moça como vai?

NENECA - Eu vou bem, obrigada, doutor.

MARQUEZA - Só que não cresce. Toma e toma remédio para crescer e não há jeito. Parece que o diabo da negrinha nasceu para ser curta mesmo.

CELSO - Não faz mal. Até casar ela ainda pode crescer mais um pouco; não é Neneca?

NENECA - É doutor, Deus permita que seja.

A MARQUEZA PEGA A MÃO DE NENECA E MOSTRA-A AO DOUTOR CELSO, PERMANECENDO COM ELA SEGURA PARA A FUSÃO

MARQUEZA - Ela é toda pequena... toda miúda... veja o tamanho desta mão.

APROXIMAÇÃO até DET das duas mãos juntas.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: DET de DUAS MÃOS JUNTAS

- BARRACA DE CIGANOS -

AFASTAMENTO até P.A. de MIGUELA e TAMARA, sentadas no chão, sobre uma pele de tigre, MIGUELA lendo a mão de TAMARA atenta.

MIGUELA - Eu vejo aqui a linha do casamento interrompida.

TAMARA - Eu já esperava isto. Continue, Miguelá. E não oculte nada. Eu quero saber tudo.

MIGUELA - Nunca deixo de dizer toda a verdade, nem mesmo quando ela possa desagradar a quem ouve.

TAMARA - É exatamente o que eu quero: saber se me caso ou não com Rudah.

MIGUELA - Miguela já disse a Tamara que a linha do casamento está cortada.

TAMARA - Por outra mulher?

MIGUELA - Sim, por outra mulher.

TAMARA - De sangue nobre, não é assim?

MIGUELA - Não. A que eu vejo aqui é das nossas. Tem sangue cigano.

TAMARA - (pensando) Então não é esta. (T) E eu? Não me casarei?

MIGUELA - Mais tarde. Na segunda tentativa. Não será um moço como Rudah, mas Tamara ficará ainda mais rica e poderosa.

TAMARA - Que me importam riquezas?! Para mim, nada valerá tanto como o amor de Rudah. Só ele me interessa.

MIGUELA - Rudah não será de Tamara. ~~Rudah~~ É outro o seu destino.

TAMARA - Eu hei de fazer tudo para vencer seu destino.

MIGUELA - Não conseguirás. Melhor fôra que te habituasses, desde já, à ideia de perdê-lo. Não sofrerias tanto na hora da separação.

TAMARA - Não haverá separação, Miguela. É Tamara quem te afirma.

MIGUELA - E quem é Tamara para pretender vencer o destino? Ele é mais forte.

TAMARA - Tamara é filha do poderoso Tamir. O grande chefe. O homem que tudo pode e a todos vence.

MIGUELA - Ninguém pode vencer o destino. Nem mesmo Tamir, o grande e poderoso Chefe. Ele vai lutar, como ela, mas ambas serão derrotadas.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TAMARA, com expressão de alucinada nos olhos e um sorriso de escárneo nos lábios.

FUSÃO com: G.P. de ELISABETH, sentada diante da mesa, escrevendo e pensando.

- SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

ELISABETH ESCREVE, PENSA, TOMA A ESCREVER, A PENSAR, POR FIM LE, SORRI, ASSINA E FECHA A CARTA NO ENVELOPE. QUANDO ESTÁ TERMINANDO, ENTRA CLOTILDE, TRAZENDO-LHE MEIO COPO D'ÁGUA E UM VIDRINHO COM COMPRIMIDOS, DO QUAL TIRA UM.

CLOTILDE - Trouxe-lhe o comprimido para a sua alergia.

ELISABETH TOMA E DEVOLVE O COPO AO TEMPO QUE FALA

ELISABETH - Obrigada.

CLOTILDE VAI SAIR MAS ELISABETH FALA E ELA VOLTA

ELISABETH - Você poderia mandar o copeiro ou o jardineiro levar este bilhete ao ~~xxx~~ acampamento dos ciganos, no bosque da cidade, Clotilde?

CLOTILDE - A senhora vai escrever a essa gente, dona Elisabeth? Não sei bem de que se trata, mas de qualquer forma não me parece conveniente escrever. É uma gente tão perigosa...

ELISABETH - Óra vamos, Clotilde! Você está feito a titia, agora? Qual o perigo em escrever umas linhas a um cigano, se eu preciso que ele venha aqui para falar comigo?

CLOTILDE - Mande-lhe um recado verbal. Aquilo que a gente escreve é sempre um compromisso assinado.

ELISABETH - Parece-lhe? E si eu lhe dissesse que gostaria de ter qualquer compromisso com ele?

CLOTILDE - Credo, dona Elisabeth! Com um cigano?! A senhora teria a coragem?!...

ELISABETH - E por que não? Acho o cigano um homem como entre qualquer.

CLOTILDE - Muito mais perigoso! Muito mais traiçoeiro! Deus me livre e guarde!

ELISABETH - Pois olhe, para mim seria uma aventura deliciosa! Uma aventura verdadeiramente fascinante!

CLOTILDE - Qual! A senhora tem cada coisa!

ELISABETH - Vamos, Clotilde, dê um jeito de fazer chegar esse bilhete às mãos de Rudah, o cigano violinista, e não faça nenhum comentário para titia.

CLOTILDE - Está muito bem, dona Elisabeth.

CLOTILDE SAI SACUDINDO A CABEÇA COMO REPROVAÇÃO.

ELISABETH - Há gente que não consegue compreender nada que ultrapasse a rotina.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ELISABETH,

FUSÃO com: G.P. de RUDÁ, sorrindo, lendo o bilhete que lhe foi entregue.

- BARRACA DE CIGANOS -

AFASTAMENTO até P.M. de RUDÁ que dobra o bilhete e o põe no bolso, sorrindo.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

RUDAH A SEGUIR SE PENTEIA NUM PEQUENO ESPELHO QUE ESTÁ PENDURADO NUM DOS MOIRÕES DA BARRACA, TIRA O CASACO DE UM PAREGO E VESTE-O, PREPARANDO-SE PARA SAIR. PROCURA O CHAPEU, ENCONTRA-O, BOTA-O NA CABEÇA E SE ENCAMINHA PARA FORA. QUANDO VAI SAIR, TANARA SURGE NA FRENTE DELE, INTERRUPTO-LHE A SAÍDA. ELE PARA E ESPERA. HA UMA PAUSA EM QUE ELA OLHA FUZILANDO-O COM O SEU CIUME.

TAMARA - Onde é que você vai?

RUDAH - Para que quer saber? Preciso sair.

TAMARA - Sei bem onde pretende ir, mas você não irá.

RUDAH NÃO RESPONDE. OLHA SÉRIO PARA ELA E EMPURRANDO-A PARA O LADO SAI PELA CAMARA SEM ATENDER.

TAMARA - Rudah! Rudah, volte. Eu não quero que você vá. Volte, senão você se arrepende! Rudah!... Rudah, volte!... Rudah!...

TAMARA SE ATIRA NO CHÃO A CHORAR, DESESPERADA. HA UMA PAUSA. ENTRA TAMIR EM QUADRO. LEVANTA-A.

TAMIR - Que tem você, Tamara? Por que chorou dessa maneira? Que lhe aconteceu?

TAMARA - Rudah não me atendeu. Pedi-lhe que voltasse e ele foi para se encontrar com outra. Detesto-o! Odeio-o! E odeio essa mulher também.

TAMIR - Vamos, minha filha, tenha calma. Dessa maneira você nada conseguirá. Seu pai falará com ele depois.

TAMARA - Não quero. Não quero que ninguém se meta neste assunto. Eu saberei me vingar sósinha!

APROXIMAÇÃO até C.P. de TAMARA com expressão de ódio e revolta nos olhos duros.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL PARA ENCERRAMENTO

SUPERPOE os getês de
- FIM DO 2º Capítulo -

Pedidos feitos em
3/12/63 *Pranely*

Gr

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO GRAMER

3º CAPITULO

PERSONAGENS:

TAMARA.....	MARZA OLIVEIRA	
TAMIR.....	VINICIUS SALVADORI	<i>Ante Diniz</i>
OLENKA.....	TANIA MARIA	<i>Martenc Seg</i>
CLOTILDE.....	MARIA YEDA	
CIBILA.....	DIVA GONCALVES	<i>Leino Amato</i>
NENECA.....	VERA JONES	
ELISABETH.....	MARIA LUIZA	
MUDINHO.....	ODILON LOPES	
RUDAH.....	CEZAR MAGNO	
MIGUELA.....	ELVIRA TEREZINHA	
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX		

CENARIOS:

- 1º) - A MESMA BARRACA DE CIGANOS DOS CAPITULOS ANTERIORES.
- 2º) - A MESMA SALETA ANTIGA E LUXUOSA DOS CAPITULOS ANTERIORES.
- 3º) - TRECHO BONITO E FLORIDO DE JARDIM PARTICULAR, DE LUXO.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

GETES : (Os de costume)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em: P.A. de TAMARA, atirada
sobre um canto da barraca, chorando.

TAMIR está de pé, perto dela.

- BARRACA DE CIGANOS -

TAMIR - Vámos, minha filha. Tenha calma.
Dessa maneira você nada conseguirá. Seu
pai falará com ele, depois.

TAMARA - (raivosa) Não quero. Não quero
que ninguém se meta neste assunto. Eu sa-
berei me vingar sósinha.

TAMIR - Mas vingar de quem? De Rudah?

TAMARA - Não. Dela. É só por causa dela
que ele está diferente comigo.

TAMIR - Dela quem? Não sei a quem você
se refere.

TAMARA - Ouvi quando Olenka disse a Migue-
la que não estava gostando do interesse
de Rudah por uma granfina que veio aqui
procurá-lo sob o pretexto de contratá-lo
para tocar violino numa festa.

TAMIR - Ouvi qualquer comentário a esse
respeito, mas pensei que se tratasse ape-
nas de conversa.

TAMARA - Não foi conversa, não. Foi Olen-
ka mesma quem disse. E além de ter estado
aqui a procurar Rudah, ela ainda lhe man-
dou uma carta que ele não quis me deixar
ler. Foi por causa dessa carta que ele
saiu, sem me atender.

TAMIR - Ouça, minha filha: não tome ne-
nhuma atitude sem que seu pai tenha con-
versado com ele. Talvez tudo isso não
passe de um entusiasmo momentâneo ou não
seja mais do que uma aventura, sem conse-
quências.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TAMARA, olhando
fizamente e com expressão de dureza pa-
ra a câmera.

FUSÃO com: G.P. de CLOTILDE, conversando
com CIBILA. NENECA espia para fora, na
- SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

TAMARA - Seja lá o que fôr, para mim
o que importa é ser preterida por ou-
tra. Não me conformo e hei de procurar
vingar-me. Juro pelo meu sangue.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CLOTILDE - A senhora Marquesa está de-
sesperada de saber que o cigano vem à
nossa casa. Ela tem horror aos ciganos.

CIBILA - Não sei porque. Achei-o verda-
deiramente encantador.

CLOTILDE - Bem... eu, no lugar de dona
Elisabeth, penso que faria o mesmo. Ade-
ro as aventuras. Elas me empolgam.

CIBILA - A mim também. Tudo quanto fo-
ge à rotina, desperta o meu interesse.

CLOTILDE - O meu também. E a senhora
Marquesa se zanga comigo. Diz que é um
desfrute, na nossa idade, a gente se
empolgar pelas coisas. Acha que é fal-
ta de serenidade.

CIBILA - Você disse aí "na nossa idade?"

CLOTILDE - Sim, na nossa idade.

CIBILA - Na nossa virgula. Você, natu-
ralmente, quiz se referir à sua idade,
porque você é muito mais velha do que eu.

CLOTILDE - Essa não! Se fizermos dire-
tinho as contas, tenho certeza absoluta
que a senhora me ganha.

CIBILA - Pretenciosa! Você terá a audá-
cia de afirmar que tem menos de trinta
e quatro anos?

CLOTILDE - Não, não tenho.

CIBILA - Pois então, como pretende ser mais moça do que eu?

CLOTILDE - Porque a senhora também não tem

CIBILA - Clotilde, você se deu conta de que está sendo impertinente comigo?

CLOTILDE - A senhora é que está me obrigando a isto. Tenho horror a que me façam de boba.

CIBILA - Você continua insistindo em que eu não tenho trinta e quatro anos?

CLOTILDE - Continuo. Boto mais vinte e ainda sou capaz de não alcançar.

CIBILA - Ah não! Isso agora é desaforo que você está me fazendo. Não posso admitir. Não posso.

NENECA VEIO CORRENDO DA JANELA PARA O MEIO DAS DUAS E CORTA O ASSUNTO, NERVOSA E ALTERADA

NENECA - O moço chegou... o moço chegou..

Está entrando no jardim. Não demora bater

CORREM AS DUAS PARA UM ESPELHO QUE HÁ NA SALETA. CLOTILDE CHEGA PRIMEIRO E ESTÁ ARRUMANDO O CABELO, QUANDO CIBILA SE AGACHA E TOMA-LHE A FRENTE, ARRUMANDO O CABELO TAMBEM.

CONTRA REGRA - BATIDA DE CIGARRA OU CAMPAINHA.

NENECA CORRE PARA A PORTA MAS JÁ ATRÁS DELA ESTÁ CLOTILDE QUE A EMPURRA PARA O LADO. VAI ABRIR A PORTA MAS LEVA UM EMPURRÃO DE CIBILA QUE MAIS UMA VEZ TOMA-LHE A FRENTE. CLOTILDE PRETENDE PUXÁ-LA PARA TRÁS MAS JÁ ELA ABRIU A PORTA E O CIGANO ENTRA, PARANDO NA PORTA.

RUDAR - Boa tarde, senhora.

CIBILA - Senhorita, faz favor. Senhorita

CIBILA VAI EXTENDER A MÃO PARA APERTAR A DE RUDAR, MAS CLOTILDE ADIANTA A SUA MÃO E SEGURAR A DELE, DEIXANDO CIBILA COM A MÃO NO AR. NENECA ACHA GRAÇA E TAPA A BOCA PARA NÃO RIR.

CLOTILDE - Boa tarde, senhor. Tenha a bondade de entrar.

CIBILA - Oh Clotilde, que ímpeto mais deselegante esse seu! Vá avisar Elisabeth que o senhor Rudah está aqui.

CLOTILDE - A Neneca avisa. Vá Neneca.

NENECA - Sim senhora, eu vou.

NENECA SAI, OLHANDO PARA TRAZ E CHANDO GRAÇA.

CLOTILDE - Sente-se, por favor.

RUDAH SENTA NO SOFÁ E CIBILA VAI FEITA PARA SENTAR AO LADO DELE QUANDO CLOTILDE DÁ COM OS QUADRIS NOS DELA E OCUPA O LUGAR. CIBILA CAI SENTADA NO COLO DE RUDAH E LEVANTA-SE RAPIDAMENTE.

CIBILA - Oh Clotilde! Viu o que você fez?

CLOTILDE - Não foi por gosto, desculpe.

CIBILA, INDIGNADA, PUXA UMA CADEIRA PARA PERTO DE RUDAH E SE SENTA. ELE OLHA PARA CADA UMA QUE FALA.

CLOTILDE - Dona Elisabeth já me havia falado no senhor e eu tinha uma curiosidade enorme de conhecê-lo.

CIBILA - Sabe que desde aquele dia em que estivemos no acampamento, não tenho pensado noutra coisa senão na vida maravilhosa que deve ser viver-se sempre ao ar livre?

CLOTILDE - Dona Elisabeth fala constantemente no senhor e no quanto ficou empolgada por conhecer, de perto, um acampamento de ciganos.

CIBILA - Eu acho que me adaptaria perfeitamente a essa vida que os ciganos levam: hoje aqui... amanhã ali... depois de amanhã acolá...

CLOTILDE - Dona Elisabeth me disse que não existe, em nossa sociedade, um rapaz que tenha olhos mais lindos e sonhadores do que os seus.

CIBILA - Apesar do nome da minha família e da posição destacada que ocupo em sociedade, eu seria capaz de abandonar tudo para experimentar a sensação de ter, como teto, a lã de uma barraca.

CLOTILDE - Dona Elisabeth é uma moça encantadora. Eu sou suspeita porque ajudei a criá-la, mas a verdade é que é difícil encontrar-se um coração como o dela.

CIBILA - Eu gostaria que o senhor conhecesse a minha casa, para ver o que eu seria capaz de abandonar para experimentar a sensação de viver como nômade.

CLOTILDE - Dona Elisabeth é uma moça tão extraordinária que... (TOM) Olhe, eu estava falando nela e ela que surge.

RUDAH SE LEVANTA PARA RECEBE-LA. NENECA SURGE NO FUNDO E FICA OBSERVANDO. ELISABETH APERTA A MÃO DE RUDAH.

ELISABETH - Como vai o senhor?

RUDAH - Até aqui muito bem e deste momento em diante muito melhor ainda.

ELISABETH - Muito obrigada. Não sabia que os ciganos também fossem galanteadores.

ELISABETH SE VIRA PARA CLOTILDE E CIBILA

ELISABETH - Obrigada por terem feito sala ao senhor Rudah e se quizerem, agora, podem retirar-se que eu o atenderei.

CLOTILDE - (curvando-se) Com licença. (SAI)

CIBILA - Eu lamento muito se lhes desagrade a minha presença, mas não poderei retirar-me porque estou incumbida, pela senhora Marquesa, de fazer-lhes companhia enquanto estiverem juntos.

ELISABETH - Mas não há nenhuma necessidade de estarmos acompanhados. Pode dizer à tia que o senhor Rudah não me raptará, que ela não pode ficar desgozada.

CIBILA - Não, Elisabeth, positivamente não! Você me perdôe, mas eu não deixarei de cumprir as ordens da senhora Marquiza. Não deseje que ela se agaste comigo.

ELISABETH - Quer dizer que a senhora vai permanecer aqui na sala?

CIBILA - Sim. Lamentavelmente, sou obrigada a permanecer.

ELISABETH - Muito bem. Neste caso... iremos nós procurar um outro local onde possamos estar mais à vontade. Quer ter a gentileza de me acompanhar até ao jardim, senhor Rudá?

RUDÁ - Como não?! E o faça com o maior prazer, pode estar certa.

ELISABETH - Obrigada.

RUDÁ OFERECE O BRAÇO A ELISABETH E SAEM OS DOIS PARA O JARDIM. CIBILA FICA MUITO DESAFONTADA, OLHA EM VOLTA E DÁ COM NENECA.

CIBILA - Você viu o que ela fez? Você viu?

-NENECA - Ela queria ficá sôlita com êle. Por isso.

CIBILA - Sim, mas queria ficar sôlita com êle por que? Com medo que ele me desse preferência.

NENECA TEM UM IMPETO INESPERADO DE RIR E LEVA A MÃO A BOCA. AO PERCEBER QUE CIBILA VIU, FICA SÉRIA NA MESMA HORA E RETIRA A MÃO, ASSUSTADA

CIBILA - Que foi? Eu diase alguma coisa engraçada?

NENECA - Não, senhora.

CIBILA - Então porque você ri?

NENECA - Eu não ri, não senhora. É que eu tive vontade de espirrar.

CIBILA - (para si mesma) Foi isto, não? Foi medo da concorrência que ela teve.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CIBILA.

FUSÃO com G.P. OLENKA, acocorada perto de MIGUELA que lhe bota as cartas.

- BARACA DE CIGANOS -

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

OLENKA - Você tem certeza de que me diz, Miguela? Não quero que minta. Prefiro saber a verdade.

MIGUELA - Miguela sempre diz a verdade.

OLENKA - Mas então é certo que meu filho se casará com uma cigana?

MIGUELA - As cartas afirmam e as cartas não mentem, Olenka.

OLENKA - Oh, que felicidade Miguela! Eu tinha um desespero tão grande de ver o interesse de Rudah por essa moça que veio aí procurá-lo... Ela ontem escreveu um bilhete para ele e a estas horas devem estar juntos.

MIGUELA - Tamara vai procurar vingar-se dessa moça.

OLENKA - Talvez, então, seja Tamara quem vai afastá-la da vida de meu filho. Bem, de agora em diante eu já não me preocuparei mais, porque já tenho a certeza de que meu filho não se casará com ela.

MIGUELA - Rudah vai fazer casamento de dinheiro, de muito dinheiro e com moça de sangue cigano. As cartas confirmam.

OLENKA - Que bom! Prometi a Yoseph que não o deixaria fugir ao seu destino e si ele casasse fora de nossa raça, eu teria a sensação de ter faltado ao cumprimento da minha promessa.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

APROXIMAÇÃO até G.P. de OLENKA, satisfeita.

FUSÃO - com G.P. de ELISABETH, sorridente, sentada ao lado de RUDAH, no banco de um jardim - TRONCO BONITO DE JARDIM.

ELISABETH - Você quer mesmo saber para ~~que~~
que o mandei chamar?

RUDAH - Claro.

ELISABETH - Porque me apaixonei por você
e morria de saudades suas.

RUDAH - (encantado) Não pode ser! Isso é
mesmo verdade?

ELISABETH - Tão certo como estarmos agora
juntos.

RUDAH ABRAÇA-A, SEMPRE OLHANDO PARA OS OLHOS
DELA E SORRINDO DE FELICIDADE. VAI BEIJÁ-LA.

RUDAH - Nada me poderia fazer mais feliz
do que essa confissão.

NO MOMENTO QUE VAI BEIJÁ-LA LEVA UM SUSTO E
FAZ UMA VOLTA RÁPIDA, SEM SOLTAR ELISABETH.
ENTRA TAMARA EM CENA COM UM FURRAL NO AR E
CRAVA-O NO BRAÇO DE RUDAH. ELISABETH DÁ UM
GRITO DE HORROR. RUDAH SOLTA ELISABETH E LEVA
A OUTRA MÃO AO BRAÇO FERIDO. TAMARA FICA TON-
TA, JOGA FORA O FURRAL E SAI DE CENA CORREN-
DO, HORRORIZADA.

CORTE

P.M. de RUDAH, horrorizado, no
meio das árvores do jardim. Ele
fica assustado, sem saber o que
fazer, leva as duas mãos ao rosto
e foge pela câmara.

PAN.MOR. da árvore vazia até o
ferimento do braço de RUDAH.

SUPERPOSIÇÃO dos gemidos de encer-
ramento sobre o rosto de ELISA-
BETH, assustada e RUDAH rancoroso.

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

ENCERRAMENTO.

ABERTURA EM G.P. de TAMIR, de pé
em frente de - BARRACA DE CIGANOS -

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

TAMIR - Tamara, venha cá! Tamara, minha
filha, que aconteceu? Tamara, por que es-
tá chorando?

ENTRA OLENKA DO FUNDO DA BARRACA E SE COIOCA
FRENTE DE TAMIR, OLHANDO NA MESMA DIREÇÃO.

OLENKA - Ela está chorando por ciúme.
Não queria que Rudah fosse ao encontro
da moça rica que se chama Elisabeth e
que esteve aqui para contratar Rudah pa-
ra uma festa.

TAMIR - Eu ouvi qualquer comentário a es-
se respeito, mas pensei que se tratasse
apenas de conversa.

OLENKA - Não foi conversa, não. A moça
mandou um bilhete que ele não quis deixar
Tamara ler.

TAMIR - Eu não gostaria que ela tomasse
nenhuma atitude sem conversar antes com
migo. Tamara é violenta e pode criar uma
situação difícil entre nós e essa moça.
E depois talvez que isso não passe de um
simples entusiasmo de Rudah.

OLENKA - Talvez seja, não duvido, mas de
qualquer forma ouvi quando Tamara jurou,
pelo seu sangue, que haveria de vingar-
se.

APROXIMAÇÃO até G.P. de OLENKA.

FUSTO com:

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

SANGUE CIGANO

Pedidos feitos
em 3/12/63
P.

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER

4º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

MUDINHO.....	ODILON LOPES
RUDAH.....	CEZAR MAGNO
ELISABETH.....	MARIA LUIZA
NENECA.....	VERA JONES
CIBILA.....	DIVA GONCALVES LINA
MARQUEZA.....	LINDA GAY
CIOTILDE.....	MARIA YEDA
TAMARA.....	MARIA OLIVEIRA
TAMIR.....	ANTONIO DINIZ
OLENKA.....	ISABELA MARLENE
DOUTOR CELSO.....	ANTONIO J.C.

CENÁRIOS:

- 1º) O mesmo jardim bonito do cenário anterior.
- 2º) Set de muro de tijolos com árvores.
- 3º) A mesma saleta antiga e luxuosa dos capítulos anteriores
- 4º) A mesma barraca de ciganos dos capítulos anteriores.

TV PIRATINI

Canal 5

GETES - (Os de costume)

AUDIO: PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em P.A. de RUDAH e ELISABETH

quasi se beijando, no

- JARDIM FLORIDO E BONITO -

NO MOMENTO EM QUE RUDAH VAI BEIJAR ELISABETH,
LEVA UM ENORME SUSTO E FAZ UMA VOLTA RÁPIDA
PARA DEFEDE-LA. ENTRA TAMARA EM CENA COM UM
PUNHAL NO AR. ELISABETH DÁ UM GRITO AGUDO E
TAMARA BAIXA O PUNHAL, FERINDO O BRAÇO DE RU
DAH QUE COBRE O FERIMENTO COM A OUTRA MÃO.
TAMARA, ESTONTEADA, JOGA FORA O PUNHAL E
FOGE, SUMINDO DE CENA, HORRORIZADA.

CORTE

P.A. de MUDINHO, num canto do
jardim, escondido entre árvores.

MUDINHO TEM OS OLHOS ARREGALADOS. BOTA AS MÃOS
NA CABEÇA, HORRORIZADO E SAI CORRENDO PELA CAME
RA.

PAN HOR. VAI da árvore onde es
tava o MUDINHO para RUDAH e ELI
SABETH

RUDAH MOSTRA A MANGA RASGADA E O FERIMENTO NO
BRAÇO. ELISABETH, ASSUSTADA, TIRA UM LENÇO DO
DECOTE PARA PENSAR-LHE A FERIDA.

ELISABETH - Que horror! Você está perden
do muito sangue. Seria bem, talvez, amarrar
-lhe o braço.

RUDAH - Rasgue a manga da camisa que fica
rá mais fácil.

CORTE - MURO DE TIJOLOS

P.A. de RENECA, varrendo a chão à
frente de - SET DE MURO DE TIJOLOS -

ENTRA MUDINHO CORRENDO EM CENA, PUXA-LHE O
VESTIDO E COMEÇA A FAZER SINAIS ALOTTANDO
PARA LONGE.

RENECA - Ih, Mudinho, você está tão afli
to. Que aconteceu?

MUDINHO COMEÇA A FAZER GESTOS E NENECA FICA PRESTANDO ATENÇÃO.

NENECA - Lá no jardim?

MUDINHO SACODE A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE E FAZ MAIS ALGUNS GESTOS.

NENECA - A dona Elisabeth e um moço es tavam conversando?

MUDINHO FAZ MAIS SINAIS, DEPOIS DE ABANAR A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE. NENECA ESCUTA.

NENECA - Chegou um homem desconhecido?

MUDINHO FAZ SINAL QUE NÃO E REPETE OS GES TOS ANTERIORES.

NENECA - Ah, chegou uma mulher desconhe pida?

MUDINHO FAZ QUE SIM E SEGUE FAZENDO GESTOS.

NENECA - (assustada) A mulher tinha um punhal na mão e avançou para dona Elisa beth?

MUDINHO FAZ SINAL QUE SIM E CONTINUA.

NENECA - E feriu dona Elisabeth com o pu nhal?

MUDINHO FAZ QUE NÃO E CONTINUA FAZENDO GESTOS

NENECA - Ah, entendi agora. Ela queria ferir Elisabeth mas o moço defendeu e fi cou ferido no braço?

MUDINHO FAZ SINAL QUE SIM E NENECA CORRE PARA FORA DE CENA. O MUDINHO FAZ AINDA ALGUNS SINAIS PARA A CÂMERA E CORRE NA DIREÇÃO EM QUE VEIO.

CORTE - SALETA

P.A. de MARQUEZA e CIBILA, conver sando - SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

CIBILA - Eu quis permanecer aqui para aa acompanhá-la, para que ela não ficasse sózinha com o cigano e a Senhora Marqueza sabe o que ela fez? Levei-a para o jardim.
MARQUEZA - Elisabeth é assim. Por ser tão afeta é que me inspira sempre maior cui dade.

ENTRA NENECA, ASSUSTADA, CONTANDO DE ROLDÃO

NENECA - Senhora Marqueza, o Madinho veio me contar que dona Elizabeth estava conversando com o moço no jardim e veio uma mulher com uma faca na mão e feriu o moço no braço.

A MARQUEZA SE LEVANTA RAPIDAMENTE E CIBILA FAZ O MESMO.

MARQUEZA - Que horror! Está vendo? As complicações já começaram muito antes do que eu imaginava. (chama forte) Clotilde! Depressa, Clotilde. (TOM) Você tem certeza de que não aconteceu nada à minha sobrinha?

NENECA - Ache que não. Eu não vi nada. Foi o Madinho que veio me contar.

ENTRA CLOTILDE MEIO ASSUSTADA E DEPRESSA.

CLOTILDE - Que houve, senhora Marqueza?

MARQUEZA - Não sei. Justamente chamei-a para que vá ver o que houve. Faça Elizabeth entrar imediatamente e se o rapaz estiver ferido, conven que entre também para ser medicado. Você, Cibila, por favor, telefone logo ao doutor Celso e peça-lhe para vir aqui imediatamente.

CLOTILDE SAI PARA O JARDIM, QUASI CORRENDO E CIBILA VAI PARA O TELEFONE, COMEÇANDO A DISCAR SEM CONSEGUIR A LIGAÇÃO. NENECA SAI COM CLOTILDE E A MARQUEZA SE MOSTRA PREOCUPADA.

MARQUEZA - Bem o meu coração me dizia que eu não deixasse a minha sobrinha se misturar com essa gente. Eu conheço bem os ciganos. São muito interessantes, muito atraentes... mas muito falsos e perigosos.

APROXIMAÇÃO até G.F. de MARQUEZA.

CORTE - JARDIM

P.A. de RUDA SENTADO e ELIZABETH terminando de curar o braço dele.

- BANCO DO JARDIM -

ELISABETH - Tenho a impressão de que agora o sangue estancou, mas de qualquer forma eu achava conveniente que você procurasse um médico.

RUDAH - Acho que não será necessário. O ferimento não me parece profundo. Bastará deinfetar o talho.

ENTRA CLOTILDE EM CENA. ELISABETH SE ASSUSTA.

CLOTILDE - A senhora Marquesa mandou chamá-la para dentro e disse que se o senhor estivesse ferido que entrasse também para fazer um curativo.

ELISABETH - Como?!... Então a titia já sabe o que se passou aqui?

NENECA - O Rudinho foi lá me contar e eu avisei a ela.

CLOTILDE - Ela pede que a senhora vá para dentro o quanto antes.

NENECA - E que leve o moço também.

ELISABETH - Vamos então, Rudah. É melhor. Assim você fará um curativo como deve ser feito.

ELISABETH E RUDAH SAEM DE CENA. CLOTILDE FICA UM MOMENTO OLHANDO PARA ELAS. A SEGUIR SORRI, SUSPIRA FUNDO E VIRANDO-SE PARA A CAMARA, FALA

CLOTILDE - Ai, ai! Como é bom a gente ser moça! Essas coisas, por exemplo, a mim não acontecem. Como deve ser emocionante! Como deve ser empolgante! Como deve ser eletrizante!...

NENECA - A senhora não vem dona Clotilde? A Marquesa pode precisar da senhora.

CLOTILDE - Pronto! Alegria em casa de pobre dura pouco. Pobre não tem o direito nem de sonhar, porque há de ter sempre um infortuno para lhe arrancar do sonho.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CIOTILDE.

SUSÃO com G.P. de OLENKA, ao lado de TAMIR, olhando TAMARA que está atirada a um canto, chorando baixinho.

- BARRACA DE CIGANOS -

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

OLENKA - Que tem ela? Por que chora?

TAMIR - Tamara é impulsiva como foi a mãe dela. Não sabe esperar. Precipita-se e depois se arrepende.

OLENKA - Mas que fez, afinal?

TAMIR - Andava desesperada porque Rudah mudara com ela, desde que conhecera a outra moça.

OLENKA - Isso é verdade. A mudança foi tanta que até eu cheguei a notar.

TAMIR - Como não se conformava de perder o amor de Rudah, armou-se de um punhal e saiu para matar a outra.

OLENKA - Matou-a e agora arrependeu-se, com medo de ser presa?

TAMIR - Não. Não chegou a matá-la.

TAMARA - (chorosa) Ele a defendeu. Rudah não me deixou matá-la.

OLENKA - Então é por isso que você chora?

TAMIR - Também por isto, mas não só por isto. É que a punhalada que ela destinava à sua rival, foi atingir Rudah.

AUDIO - ACORDE DE GRANDE SUSTO

OLENKA - (num grito) Não!... Não é possível! Não posso crer!

OLENKA SE PRECIPITA PARA TAMARA E SACODE-A, NERVOSAMENTE AO TEMPO QUE TALA E GORRA.

OLENKA - Vámas... fale... diga-me, Tamara... você matou meu Rudah? Fale, diga!

TAMARA - Não, não o matei mas enterrei-o... lhe o punhal no braço!

OLENKA DA-LHE UM EMPURRÃO, ATIRANDO-A AO
CHÃO, COM RAIVA E DOR.

OLENKA - Ciumenta do inferno! Ferir o
meu filho! O meu Rudah!

OLENKA SAI CORRENDO PELA CÂMERA, COMO LOUCA.

TAMARA COMEÇA A CHORAR ALTO. TAMIR SE APRO-
XIMA DELA, FALANDO COM CERTA ENERGIA.

TAMIR - Vamos, chorar, agora, não re-
solve nada. Seca essas lágrimas e vai
preparar o que é teu para se fôr preciso
fugir da polícia.

TAMARA SE LEVANTA NUM SALTO, ASSUSTADA

TAMARA - A polícia, pai?!... Tú chas
que ela me prenderá?

TAMIR - Se derem queixa de ti, não dei-
xarão de prender-te.

TAMARA SE ABRAÇA AO PAI, CHORANDO, DESESPERADA

TAMARA - Mas eu não quero ser presa, pai.
Eu não quero ser presa. Defende-me.

TAMIR - Por isso mesmo estou te dizendo
que prepares tudo que é teu. Se fôr ne-
cessário, fugiremos ainda esta noite.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

APROXIMAÇÃO até G.P. de TAMIR

MUSICA com: G.P. de DOUTOR CELSO, fa-
lando de pé, cercado por RUDAH, senta-
do, a MARQUEZA, sentada, ELISABETH,
CLOTILDE, CIBILA E NENECA, de pé.

RUDAH TEM O BRAÇO NA TIPOIA.

- SALETA ANTIGA E DE LUXO -

CELSO - O ferimento, por sorte, foi de
pouca importância e não muito profundo.
De qualquer maneira, porém, é convenien-
te deixar o braço em repouso e depois
de amanhã chegar ao meu consultório pa-
ra que se faça um entrê curativo.

RUDAH - Sim senhor. Deve-lhe alguma coi-
sa, deuter?

CELSO - Fui chamado pela senhora Mar-
queza, não poderei apresentar-lhe conta

CELSO - (CONT.) sem a autorização dela.

MARQUEZA - E eu não lhe darei essa autorização porque a deliberação de chamá-lo foi minha. Inclua a visita na minha nota mensal.

CELSO - Perfeitamente, senhora Marqueza.

Como viu, eu não me atrevo a contrariar um desejo de uma antiga cliente e amiga.

RUDAH - Devo então agradecer à senhora Marqueza a sua grande generosidade, ao mesmo tempo que lhe peço desculpas de grande susto que, involuntariamente, lhe causei.

CELSO - E eu peço licença para retirar-me, porque tenho ainda vários enfermos para visitar. Senhora Marqueza... Senhoras... Jovens...

O DOUTOR BEIJA A MÃO DA MARQUEZA E FAZ INCLINAÇÃO DE CABEÇA PARA OS OUTROS.

TODOS - Passe bem, doutor.

MARQUEZA - Obrigada, doutor. Clotilde, acompanhe o doutor Celso até à porta.

O DOUTOR SAI ACOMPANHADO DE CLOTILDE.

MARQUEZA - Neneca, vá preparar um cafésinho para todos.

NENECA - Sim, senhora Marqueza.

NENECA SAI PARA O INTERIOR DA CASA. ELISABETH VEM SENTAR AO LADO DE RUDAH, OLHANDO-O TENHA.

ELISABETH - Titia, a senhora deve agradecer a Rudah, por seu destemor. Graças a ele, é que me encontro sã, neste momento.

MARQUEZA - Si lhe parece que ainda devo agradecer... a mim me parece que só ver com sa dele tudo isto aconteceu.

ELISABETH - Talvez, mas... a verdade é que ele não teve culpa. Neste caso, a maior culpa foi eu que mandei chamá-lo.

ENTRA DO FUNDO, DESATINADA, OLENKA, PEGUANDO ALGO, ELA VEM SEGUIDA DE CLOTILDE QUE A RESEGUE/

CLOTILDE - Espere! Que é isto? Onde é que a senhora vai? O que deseja?

TODOS SE LEVANTAM BRUSCAMENTE, ASSUSTADOS.

OLENKA - (alterada) Meu filho, eu quero o meu filho! Que fizeram dele? Onde é que ele está?

RUDA - Mãe! A senhora aqui?!...

OLENKA SE ATIRA NOS BRAÇOS DELE E COMEÇA A CHORAR, DESESPERADA E NERVOSA.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

SUPERPOE os getês de encerramento sôbre Rudah e Olenka abraçados.

- Fim do 4º Capítulo.

ENCERRAMENTO.

Pedidos feitos em
3/12
P. Jang

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ENICO CRAMER

5º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

ELISABETH.....	MARIA LUIZA
MANQUEZA.....	LINDA GAY
RUDAN.....	CEZAR MAGNO
OLENKA.....	SANTA MARIA MARLENE
CIOTILDE.....	MARIA YEDA
CIBILA.....	DIVA COSTA LINA
AYALA.....	DONIVAL CABRERA
MIGUELA.....	ELVIA TEZEZINHA
TAMARA.....	ANITA OLIVEIRA
TAMIN.....	ANTONIO DINIZ

CENARIOS:

- 1º) - SALETA ANTIGA E LUXUOSA (A mesma anterior)
- 2º) - BARRACA DE CIGANOS (A mesma anterior)
- 3º) - JARDIM BONITO (O mesmo anterior)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

GETÊS: (Os de costume)

ASSENTIZA em P.M. de ELISABETH, RUDAN

e MARQUEZA, conversando na

- SALETA LUXUOSA E ANTIGA -

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

MARQUEZA - A mim me parece que só por causa dele tudo isto aconteceu.

ELISABETH - Talvez... mas a verdade é que êle não teve culpa. Neste caso, a maior culpada fui eu que mandei chamá-lo.

ENTRA DO FUNDO, DESATINADA, CORRENDO, OLENKA, PROCURANDO ALGO. VEM SEGUIDA DE CLOTILDE QUE SE MOSTRA ASSUSTADA E PROCURA SEGURÁ-LA.

CLOTILDE - Espere! Que é isto? Onde é que a senhora vai? Que deseja?

TODOS SE LEVANTAM BRUSCAMENTE, ASSUSTADOS

OLENKA - (alterada) Meu filho! Eu quero o meu filho! Que fizeram dele? Onde é que ele está?!

RUDAN - Mãe! A senhora aqui?

OLENKA SE ATIRA NOS BRAÇOS DE RUDAN, SOLUÇANDO, DESESPERADA. ELE APAGA A CABEÇA DELA, ATENCIOSO

RUDAN - Vámas, mãe, acalme-se. Não me aconteceu nada de maior. Foi apenas um desatino de Tamara mas não teve maiores consequências.

OLENKA SE DESPREENDE DELE. OLHA EM TORNO E PELA, RANCOROSA, OLHANDO ELISABETH E A MARQUEZA

OLENKA - Eu bem não queria que você se metesse com essa gente. Tanto que lhe pedi.

RUDAN - que é isso, mãe? A senhora não sabe o que está fazendo. Elas não tiveram culpa de nada. A senhora Marquês até o seu médico particular mandou vir para pensar o meu ferimento. Quero

RUDAH - que ~~xxxxxxxx~~ peça desculpas a ambas. Vamos.

HÁ UMA PAUSA. OLENKA ESTÁ INDECISA. OLHA PARA ELAS E PARA O FILHO. TODOS ESPERAM A SOLUÇÃO.

RUDAH - Que está esperando? Repito-lhe que estas senhora não tiveram culpa do sucedido. Si não lhes pedir desculpas, não voltarei ao acampamento. Decida.

OLENKA CAMINHA LENTAMENTE PARA A MARQUEZA E AJOELHANDO-SE PERTO DELA, DE CABEÇA BAIXA, DIZ

OLENKA - Perdão, senhora. LEVANTA-SE A VOLTA PARA PERTO DO FILHO. FICA QUIETA ALGUM TEMPO. TODOS ESPERAM.

RUDAH - Não é só a senhora marquezeta que deve pedir desculpas. A sua sobrinha também, não.

OLENKA - (Pausa) Não.

RUDAH - E por que não, se lhe digo que ela também não teve culpa? (Pausa) Vamos, não, eu peço desculpas à senhorita Elisabeth, eu então...

ELISABETH - (interrompe-a) Não, Rudah, não faça assim. Para que forcá-la a uma coisa que ela não deseja? Talvez que, no seu caso, eu também pensasse como ela.

OLENKA CORRE PARA ELISABETH, AJOELHA-SE AOS PÉS DELA E LHE BEIJA A MÃO., ENQUANTO FALA.

OLENKA - Desculpe, senhorita. Veja que é boa e que não devia ter feito o que fiz.

ELISABETH OBRIGA-A A LEVANTAR-SE.

ELISABETH - Ora vamos, por favor! Não se esqueça.

MARQUEZA - Será talvez conveniente dar-lhe um calmante antes que se retire. Cliquilide...

CLOTILDE SAI PARA PREPARAR O CALMANTE.

CORTE

P.A. de CIBILA, vibrando, a um canto da cena.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CIBILA

FUSÃO com: G.P. de MIGUELA, conversando com AYALA. Ela sentada ele de pé.

- BARRACA DE CIGANOS -

MARQUEZA - E agora sente-se um pouco para descansar, até que Clotilde lhe traga o calmante.

CIBILA - Meu Deus, que coisa alucinante! Eu só tinha visto dessas coisas nos romances. Eu estou toda arrepiada. Toda arrepiada! (Pausa e tom) Pena que não sou eu a heroína desta cena tão empolgante!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MIGUELA - Olenka me contou o que aconteceu com Judá, no jardim da Marquessa.

AYALA - E não contou, também, a cena que ela fez? Esta, na minha opinião, é que foi uma coisa degradante.

MIGUELA - Que aconteceu? Ela não me contou nada.

AYALA - Foi invadido a sala da Marquessa e na presença do filho, que estava lá sendo atendido com toda a consideração, desmontou as senheras presentes.

MIGUELA - Foi mal feito.

AYALA - Muito mal feito. É por essas e outras que ganhamos fama de mal educados. Meu neto obrigou-a a desculpar-se e, com esse gesto, desmancheu um pouco a má impressão que ela deixara.

MIGUELA - É por essas e outras que eu sempre digo que cada um deve viver no seu meio. Judá, como cigano, devia limitar-se a viver como cigano e não meter-se nos salões da nobreza.

AYALA - Cala-te, Miguêla. E não repitas isto para o meu neto. A Marquessa é riquíssima.

AYALA - (CONT.) sim. A extensão de suas terras não têm limite. A sobrinha é sua única herdeira e está perdidamente apaixonada pelo meu neto. Não será rematada tolice perder uma oportunidade dessas?

MIGUELA - És ambicioso demais, Ayala. A velhice não te ensinou que o dinheiro não traz felicidade.

AYALA - Da mesma forma que o desconforto da pobreza acentua a infelicidade. Casei por amor, fui pobre a vida inteira e toda a vida lutei contra a infelicidade. Se tivesse dinheiro não teria sofrido tanto.

ENTRA OLENKA. FICA PARADA ESCUTANDO O QUE ELE DIZ.

AYALA - Por isso entendo que meu neto deve proceder diferente de como procederam seu pai e seu avô.

OLENKA - Mas eu prometi a Yoseph que não deixaria meu filho misturar o seu sangue com outro que não fosse cigano. Prometi-lhe isto no seu leito de morte. O senhor sabe bem.

AYALA - Sei, sim. Mas a promessa foi tua e espontânea. Ele nada te pediu, não que velasses pelo filho do seu amor.

OLENKA - E isto não é tudo? Enquanto viver, para ser fiel à memória de Yoseph, eu terei que velar por meu filho Judah.

AYALA - E não velarias melhor salvaguardando-o da miséria desta vida em que vivemos? Não velarias melhor deixando que lhe caísse nas mãos uma incensa fortuna em propriedades valiosíssimas?

OLENKA - Tamir também é um homem rico e Tamara é sua única filha.

APROXIMAÇÃO até P.P. de OLENKA, pensando e AYALA advertindo-a.

FUSTO com: P.A. de MARQUEZA e CIBILA, sentadas à frente de um carrinho de lunch ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

- TRECHO BONITO DE JARDIM -

CIBILA ALCANÇA A CHICARA PARA A MARQUEZA

AFASTAMENTO até P.M. da CENA, vendo-se Clotilde, de pé, perto do carrinho

A MARQUEZA ENTREGA A CHICARA DE CIBILA A CLOTILDE QUE SE APRESSA EM SERVI-LA E ENTREGA-LA

AYALA - A fortuna de Tamir está apenas nos seus cavalos de puro sangue e nas ~~em~~ barricas de moedas que andam comoseco de um lado para outro. Os cavalos bastará uma peste para matá-los. As barricas de moedas ~~in~~stará que sejam roubadas pelos saltadores de estradas. As terras da Marqueza estão sempre no mesmo lugar. São registradas em cartório e ninguém poderá se, apesar delas indevidamente. (Pausa)

AYALA - Pensa bem, Olenka. Pensa bem nas palavras do velho Ayala e deixa que teu filho siga um destino melhor!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MARQUEZA - Aceita mais uma chávena de chá, Cibila?

CIBILA - Aceito, senhora Marquiza. Está excelente o seu chá.

CLOTILDE - A senhora também aceita mais um punco de chá?

MARQUEZA - Não, não quero. O doutor Celso me recomendou que não abuse dos líquidos.

CIBILA - E Elisabeth onde está que ainda não a avistei esta tarde?

MARQUEZA - Saiu para tratar do Garden Party - disse ela - mas eu confesso que ponho as minhas dúvidas.

CIBILA - Por que, senhora Marqueza?

MARQUEZA - Porque Neneca me contou que desde cedo o cigano andava rondando a casa.

CIBILA - Ah, então saíram juntos, com certeza. Mas não lhe parece perigoso que andem sós por aí?

MARQUEZA - Claro que é perigoso, principalmente depois do que já aconteceu aqui.

CIBILA - Deveriam, ao menos, levar alguém para acompanhá-los. Eu cansei de me oferecer para sair com eles, mas tenho a impressão de que Elisabeth não aceita porque receia qualquer coisa.

MARQUEZA - De você? Mas o que é que ela pode recear?

CIBILA - Sei lá, mas o que é certo é que ela evita tudo que pode a minha aproximação.

CLOTILDE - (irônica) Quem sabe o cigano disse a ela qualquer coisa a seu respeito e ela ficou com ciúme?

CLOTILDE FISCA O OLHO ACINTOSAMENTE PARA A

MARQUEZA QUE SO ENTÃO COMPREENDE E SORRI.

CIBILA - É só o que a gente pode deduzir. Não acha a senhora Marqueza?

MARQUEZA - Sei lá! A única coisa que sei é que se pudesse afastá-lo desse homem, eu o faria com a maior satisfação. Reconheço que ele é um rapaz muito educado, muito simpático, muito insinuante e muito tudo, mas enquanto não o tiver visto pelas costas não estarei satisfeita. E hei de fazer tudo para conseguir afastá-los.

CIBILA - Isto mesmo, senhora Marqueza, isto mesmo. Acho que a senhora faz muito bem. E se quiser a minha colaboração, pode contar comigo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARQUEZA

FUSÃO com G.P. de TAMARA, conversando
com Rudá que está zangado com ela.

- BARRACA DE CIGANOS -

MARQUEZA - Ah os ciganos! Se as moças aqui
bessen o perigo que eles representam...

Eu não desejo falar, mas se for obrigada,
falarei.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

TAMARA - Você está completamente diferente
comigo.

RUDAH - Estou, sim. E acha que não é pa-
ra estar, depois do que você fez?

TAMARA - Muito antes disto já você andava
diferente. Não venha agora desculpar-se.

RUDAH - Talvez, mas nada lhe autorizava a
proceder daquela forma. Eu senti vergonha
do seu procedimento.

TAMARA - Você não pode me desprezar por
outra, Rudah, porque eu o amo.

RUDAH - Tamara, nós precisamos conversar
como duas pessoas civilizadas e intelligen-
tes. Você sabe perfeitamente que o coração
é rebelde e não aceita imposições.

TAMARA - O que é que você quer dizer com
isto? Fale franco e sem rodeios.

RUDAH - Eu quis dizer exatamente aquilo
que você já entendeu: que não adianta que-
rer impor ao coração um amor que ele regei-
ta.

TAMARA - Então é mesmo verdade que você
se deixou embriagar por ela? (Pausa) Está
bem, Rudah. Nada mais temos a dizer um ao
outro. Pode ir embora.

RUDAH - Espero que você compreenda que...

TAMARA - (forte, quase gritando) Pode ir em-
bora, já disse.

RUDAH - (depois de pausa) Está bem.

RUDA SAI. ELA FICA UM MOMENTO PARADA E DEPOIS
SE ATIRA A CHORAR. ENTRA TAMIR. VÊ TAMARA CHO
RANDO.

TAMIR - Outra vez a chorar? Que aconteceu?

TAMARA - Rudah confessou que não me ama.

AUDIO - ACORDE DE GRANDE CHOQUE.

TAMIR LEVA UM CHOQUE E MOSTRA NA FISIONOMIA.

PENSA UM MOMENTO E DEPOIS FALA

TAMIR - Eu ^{já} sei porque.

TAMARA - Eu também sei.

TAMIR - Mas fique tranquila, minha filha
porque ele não se casará com ela.

TAMARA - O senhor me promete, meu pai?

TAMIR - Sim. Nem que para evitar esse casa
mento eu tenha que matá-la!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de TAMIR com
expressão de ódio.

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

SUPERFOE

-Fim do 5º Capítulo.

ENCERTAMENTO.

Pedido feito
em 26/12
[Signature]

6.

SANGUE CIGANO
TELE-NOVELA DE ÉRICO CRAMER
6º CAPITULO

PERSONÁGENS:

TAMARA.....	ODETE BRAGA <i>Mary</i>
TAMIR.....	ANTONIO ADRIANO <i>Antônio</i>
AYALA.....	DORIVAL CABRERA
MARQUEZA.....	LINDA GAY
CLOTILDE.....	MARIA YEDA
OLENKA.....	FRANCA <i>Marlene</i>
RUDAH.....	CEZAR MAGNO
MIGUELA.....	ELVIRA TEREZINHA
MUDINHO.....	ODILON LOPES
ELISABETH.....	MARIA LUIZA

CENÁRIOS:

- 1º) BARRACA DE CIGANOS (A mesma anterior)
- 2º) SALETA ANTIGA E LUXUOSA (A mesma anterior)
- 3º) JARDIM BONITO (O mesmo anterior)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

Pag. 1

GETÊS: -(Os de costume)

ÁUDIO: - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em: G.P. de TAMARA, atira
da sobre um canto, chorando muito.

- BARRACA DE CIGANOS -

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

ENTRA TAMIR E VAI ATÉ ONDE ELA ESTÁ

TAMIR - Outra vez a chorar? Que aconteceu?

TAMARA - Rudah confessou que não me ama.

ÁUDIO - ACORDE DE GRANDE CHOQUE

TAMIR, DEPOIS DO CHOQUE, PENSA UM MOMENTO

TAMIR - Eu já sei porque.

TAMARA - Eu também sei.

TAMIR - Mas pode ficar tranquila, minha fi
lha, porque ele não se casará com ela.

TAMARA - O senhor me promete, meu pai?

TAMIR - Sim, prometo.

ENTRA AYALA SEM SER VISTO E FICA ESCUTANDO.

TAMIR - Ele não se casará com ela, nem que,
para evitar esse casamento, eu tenha que ma
tá-la!

ÁUDIO - ACORDE DE GRANDE CHOQUE

TAMARA CORRE PARA TAMIR, DÁ-LHE UM BEIJO
E SAI CORRENDO DA BARRACA, ALVOROÇADA. AYA
LA SE APROXIMA DE TAMIR, LENTAMENTE.

AYALA - Ouvi o que disseste à tua filha.

TAMIR - Estavas escutando atraz da lona,
velho Ayala?

AYALA - Não, chefe Tamir. O velho Ayala sem
pre foi um homem digno. Entrei, precisamente
no momento em que lhe prometias que Rudá
não se casaria com a sobrinha da Marqueza,
nem que para isto fosses obrigado a matá-la.

TAMIR - E assim farei, Ayala.

AYALA - Se o velho Ayala pudesse dar um con
selho ao Chefe, lhe diria que não fizesse.

TAMIR - E por que não?

AYALA - Porque a sobrinha da Marquessa põe de ser uma excelente oportunidade para Tamir.

TAMIR - Como assim? Pega-te que fales em claro.

AYALA - Tudo é tão simples... Basta que alguém assuste a Marquessa com a cólera de Tamara e advirta-lhe do perigo que sua sobrinha está correndo.

TAMIR - Parece que estou começando a compreender.

AYALA - Aí então chegaria a vez de Tamir procurar a Marquessa e negociar com ela o afastamento de Tamara, para evitar a suposta tragédia. A Marquessa é riquíssima.

TAMIR - Continuas a ser um grande negociante, velho Ayala.

AYALA - A vida me ensinou a não desperdiçar as boas oportunidades, chefe Tamir.

TAMIR - Mas eu prometi à minha filha que mataria a sua rival.

AYALA - Poderás mentir-lhe que a polícia que prendê-lo e que ela deverá fugir.

TAMIR - És muito astuto, Ayala. Mas quer procuraria a Marquessa para adverti-la do perigo?

AYALA - Qualquer cigano a quem te propusesse a dar duas ou tres moedas de prata.

TAMIR - É esse o teu prego?

AYALA - Nem mais, nem menos.

TAMIR PERMANECE PENSANDO UM MOMENTO.

TAMIR - Está bem. Eu te darei as moedas.

AYALA ESTREGA AS MÃOS SATISFEITO COM O NEGOCIO QUE FEZ. SE APROXIMA DE TAMIR E EM TOM QUASI QUE DE SEGREDO, PERGUNTA-LHE

AYALA - Queres que vá hoje mesmo?

APROXIMAÇÃO até G.P. de AYALA

FUSÃO com G.P. de MARQUEZA, sentada, com um livro na mão, conversando com Clotilde que se encontra perto dela.

- SALETA ANTIGA E FINA -

TAMIR - Ainda não. Acho conveniente esperar mais um pouco, para termos a certeza de que o atentado de Tamara não foi comunicado à polícia. Só depois dessa certeza é que poderemos agir.

AYALA - O Chefe Tamir tem razão. É conveniente esperar mais um pouco. Uma advertência a esta altura dos acontecimentos, poderia levar a Marquiza a comunicar o suposto perigo à polícia e Tamara ficaria, fatalmente, em mau lençóis.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MARQUEZA - Elisabeth não disse a você onde ia?

CLOTILDE - Não senhora, isto é... deixou dito, apenas, que ia tratar de vários assuntos referentes ao garden-party.

MARQUEZA - Esse garden-party está servindo de pretexto para muitas saídas e sempre mais demoradas do que costumavam ser antes. Ela pensa que eu não estou percebendo as suas manobras, mas está redondamente enganada. Eu bem sei porque ela sai e com quem vai se encontrar.

CLOTILDE - Isto eu não sei, senhora Marquiza.

MARQUEZA - Você não sabe, mas eu sei. Maldita hora em que consenti que ela fosse ao acampamento dos ciganos para convidar o tal violinista a tomar parte na nossa festa.

CLOTILDE - A senhora não acha que se con

CLOTILDE - (CONT.) celsse essa festa que ela não teria tantas oportunidades de avistar-se com Ele?

A MARQUEZA SE MOSTRA AGRADAVELMENTE SURPREENDIDA COM O QUE OUVIU E SE ABRE NUM SORRISO

MARQUEZA - Clotilde! Que ideia ótima que tú me destel... É isto mesmo. Cancelada a festa Eles já não terão pretexto para andar juntos. Tiveste uma bela ideia, realmente. Uma ideia verdadeiramente luminosa. Hoje mesmo vou comunica-la à minha sobrinha.

CLOTILDE - A senhora me permite que que lhe faça um pedido?

MARQUEZA - Fala.

CLOTILDE - Eu lhe pediria que não dissesse à dona Elisabeth que esta ideia partiu de mim. Ela ia ficar muito zangada comigo e talvez nunca mais me perdoasse.

MARQUEZA - Não precisas ter nenhum receio que eu sei como farei a coisa. Ela nem sequer irá suspeitar que tu tiveste parte neste plano. Podes ficar descansada.

CLOTILDE - Obrigada, senhora Marqueza.

AUDIO - RELOGIO DE TORRE, BATE, AFASTADO, TRES BADALADAS ESPAÇADAS.

CLOTILDE - São tres horas. Quer que lhe sirva o chá?

MARQUEZA - Ainda não. Por óra não tenho vontade. Mais tarde eu chamarei.

CLOTILDE - Perfeitamente. Com licença senhora Marqueza.

CLOTILDE SE CURVA E SAI. A MARQUEZA PALA E ELA VOLTA.

MARQUEZA - Clotilde, espera um momento.

CIOTILDE - Sim senhora.

MARQUEZA - Quando minha sobrinha chegar, dize-lhe que venha aqui que eu preciso falar com ela.

CIOTILDE - **Sim senhora. Com licença.**

CIOTILDE SAI. A MARQUEZA SE LEVANTA. PENSA.

MARQUEZA - Vou ter que enfrentar uma luta tremenda, mas não estou disposta a ceder.

-AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

OLENKA - Sei que terei que enfrentar uma luta tremenda, mas não estou disposta a ceder.

RUDAH - Pois advirto-lhe, mãe, que também eu não cederei facilmente.

OLENKA - Por que há de querer fugir ao seu verdadeiro caminho, Rudah? Você é um cigano, tal como foi seu pai. Por que há de querer renegar o seu sangue e unir-se a uma outra raça que nos despreza?

RUDAH - Não sei porque há de guardar da nobreza um impressão tão amarga. Também eu tinha essa ideia, mas ao aproximar-me dela e conviver com ela, verifiquei que tudo não passava de uma impressão errônea e de uma prevenção da minha parte.

OLENKA - Rudah você está se deixando embriagar pela conquista de uma mulher que lhe parecia instigável. O que você pensa ser amor, nada mais é do que a satisfação de ter conseguido transpor um obstáculo grande que se apresentava à sua frente. Você não ama essa mulher, como também ela nunca poderá amá-lo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARQUEZA

FUSÃO com: G.P. de OLENKA, de pé, zangada, brigando com RUDAH, na

- BARRACA DE CIGANOS -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

RUDAN - Como pôde afirmar semelhante coisa, mãe? Como pôde saber o que me vai no coração, se ninguém mais, além de mim, pôde sentir por quem ele pulsa?

OLENKA - Ouve, filho: quando teu pai estava prestes a deixar esta vida, fui chamada por êle para receber instruções de como deveria criar-te o um das coisas que lhe prometi, no seu leito de morte, foi que nunca te deixaria afastar dos teus deveres e obrigações de verdadeiro cigano. Portanto, se te casares fora da tua raça, estarás me obrigando a faltar com a promessa que lhe fiz.

RUDAN - Lembro-me bem de meu pai; nunca foi um homem obstinado. Não acredito que opuzesse à minha verdadeira felicidade só porque a mulher a quem amo não tem em suas veias o sangue cigano.

RUDAN SAI ZANGADO PARA FORA DA BARRACA. OLENKA TEM O IMPETO DE SEGUI-LO, MAS MIGUELA SURGE DE OUTRO LADO E IMPEDE-A, POSTANDO-SE À SUA FRENTE

MIGUELA - Deixa-o aquietar-se. Para que has de provocá-lo ainda mais? Nada conseguirás com teimosia nem com violência.

OLENKA - Que posso fazer então, Miguela? Ajuda-me. Aconselha-me.

MIGUELA - Dá tempo ao tempo. Só ele é capaz de resolver aquilo que nós não podemos.

AUDIO - MÚSICA CIGANA EM SOLO DE VIOLINO, AFASTADA.

OLENKA - Lá está ele derramando a sua inquietação pelas cordas do seu violino.

MIGUELA - É bom. Os desabafos sempre deixam os nervos da gente menos tensos.

NESTE MOMENTO SURGE NA PORTA DA BARRACA A FIGURA DO MUDINHO, GESTICULANDO PARA OLINKA QUE NAO CHEGA A COMPREENDE-LO.

OLENKA - Que é que você quer aqui?

ELE CONTINUA GESTICULANDO PARA ELA.

OLENKA - Vamos, por que não fala?

ELE NÃO PODE DE RESPIRAR, OBSERVADO POR ELAS.

NIGUELA - É mudo. Você não está vendo?
NESTE MOMENTO MUDINHO MOSTRA UM BILHETE.

OLENKA - Ah, veio entregar esta carta?

MUDINHO FAZ QUE SIM COM A CABEÇA. OLENKA

OLHA O ENVELOPE.

OLENKA - É para o meu filho. Está entre
me.

MUDINHO EXTENDE A MÃO PEDINDO GORGETA E
OLENKA DÁ-LHE UM TAPA. ELE SAI CORRENDO,
XINGANDO-A POR GESTOS DA PORTA DA BARRACA.
OLENKA ESPIA E DEPOIS ABRE O ENVELOPE. LE.

OLENKA - Que bom Miguêla! É a tal Marquês
za, avisando a Rudãh que desistiu de fazer
a festa no seu jardim. Que bom! Que bom!

OLENKA SAI CORRENDO COM A CARTA NA MÃO.

MIGUELA - Isso não vai adiantar nada.
Absolutamente nada. Agora que eles já se
conhecem, com festa ou sem festa eles de-
rão geito de ~~se~~ estarem juntos.

AUDIO - PASSAGEN MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de MIGUELA,
sacudindo a cabeça.

FUSTAO com G.P. de ELIZABETH, zanga-
da, discutindo com a tia, ambas no
- JARDIM BONITO -

ELISABETH - Isso não adianta nada, titia. Absolutamente nada. Com festa ou sem festa, quando nós quisermos estar juntos há verenos de dar um jeito.

MARQUEZA - Pois então você ~~se~~ fica avi-
sada, desde já, que se eu souber que você
fez isso que a ³deixaravai.

ELISABETH - Faça como quiser. Eu não desistirei de encontrar-me com Rudá e falar-lhe.

MARQUEZA - E êle? Se souber que você foi desherdada, será que voltará a procurá-la?

AUDIO - ACORDE DE SUSTO

ELISABETH - Por que?... A senhora quer dizer que... Quer insinuar que é o dinheiro que faz com que êle...

ENTRA CLOTILDE EM QUADRO E SE DIRIGE A ELISABETH

CLOTILDE - O senhor Rudá acaba de chegar e *deseja* falar com a senhora. Está lá na sala, *esperando*.

AUDIO - ACORDE FORTE DE SUSTO, FIM DE COM
SUFIXO MUSICAL PARA ENCERRAMENTO.

SUPERPOE

- Fim do 6º CAPÍTULO.

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ÉRICO GRAMER

7º CAPÍTULO

Pedido feito
em 26.12.

PERSONAGENS:

MARQUEZA.....	LINDA GAY
ELISABETH.....	MARIA LUIZA
CLOTILDE.....	MARIA YEDA
RUDAH.....	CEZAR MAGNO
NENECA.....	VERA JONES
MUDINHO.....	ODILON LOPES
TAMIR.....	ANTONIO DINIZ
OLENKA.....	<i>Marlene</i> TANIA MARIA
MIGUELA.....	ELVIRA TEREZINHA

CENÁRIOS:

- 1º) - JARDIM BONITO (O mesmo do capítulo anterior)
- 2º) - SALETA ANTIGA E LUXUOSA (A mesma dos capítulos anteriores)
- 3º) - BARRACA DE CIGANOS (A mesma dos capítulos anteriores)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

Pag. 1

GETÊS - (Os de costume)

ABERTURA em: G.P. de ELISABETH, zan
gada, enfrentando a MARQUEZA sentada
no - JARDIM BONITO -
AFASTAMENTO até P.M. da Cena.

ÁUDIO - PREFIXO MUSICAL

ELISABETH - Eu não desistirei de encon-
trar-me com Rudah e falar-lhe.

MARQUEZA - E êle? Se souber que foi des-
erdada, será que voltará a procurá-la?

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO.

ELISABETH - Por que? A senhora quer di-
zer que... Quer insinuar que é o dinhei-
ro que faz com que êle...

ENTRA CLOTILDE EM QUADRO E SE DIRIGE A ELISABETH

CLOTILDE - O senhor Rudah acaba de che-
gar e deseja falar com a senhora. Está
lá na saleta, esperando.

ELISABETH - Vou agora mesmo recebê-lo.

ELISABETH ANEAÇA UMA SAÍDA MAS PARA EM MEIO.

MARQUEZA - Espere. Deixe-me, primeiro,
conversar com êle; depois você irá.

ELISABETH - A senhora quer conversar com
ele?!- E que pretende dizer-lhe; posso
saber?

MARQUEZA - Nada de maior. Apenas sondar-
lhe as intenções para depois poder dizer
a você, com segurança, se é ou não o in-
teresse que o atrai para junto de você.

ELISABETH - Está bem, faça. E quando ti-
ver a sua curiosidade satisfeita, avise-
me para que possa atendê-lo.

MARQUEZA - Eu mandarei lhe chamar. Vamos
Clotilde.

CLOTILDE - Pois não, senhora Marqueza.

A MARQUEZA SAI DE QUADRO, ACOMPANHADA POR
CLOTILDE. ELISABETH PERMENECE OLHANDO POR
ONDE ELA SAIU; DEPOIS PENSA E FALA SÓSINHA

CORTE

P.A. de MARQUEZA E RUDAH, sentando-se
na - SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

ELISABETH - Eu estou muito desconfiada dessa imprevista deliberação da titia de falar com Rudah. Não creio que ela vá apenas sondá-lo. Talvez a sua ideia seja afastá-lo de mim. Convem que eu vá escutar o que conversam.

MARQUEZA - Como passei por aqui e vi que estava sósinho, resolvi fazer-lhe companhia por alguns momentos, até que Elisabeth apareça.

RUDAH - É muito amável da sua parte, senhora Marqueza.

MARQUEZA - Percebi que o senhor se espantou com o meu gesto, mas pode crer que ele não leva nenhuma intenção oculta. Aliás, na qualidade de tia e tutora de Elisabeth, talvez fosse do meu dever procurar conhecer os motivos que o trazem tão seguidamente à minha casa, mas como sei que, tanto da sua como da parte dela, isto não passa de um flêrte sem conseqüências, não me preocupo.

RUDAH - A senhora Marqueza parece precipitar-se no seu julgamento, ou então não dá à sua sobrinha o valor que ela realmente tem. Não se esqueça que dona Elisabeth é uma criatura encantadora e capaz de fazer mudar de ideia ao mais obstinado celibatário.

MARQUEZA - Acredito no que me diz, mas um cigano dificilmente se deixa aprisionar por uma mulher que não seja do seu sangue e quando isto chega a acontecer, em geral não é tanto pelos seus dotes

MARQUEZA - (CONT.) físicos, mas... por outras coisas.

RUDAH - Não entendi. Que pretendeu a senhora dizer?

MARQUEZA - Apenas o que disse.

RUDAH - Mas eu não cheguei a alcançar a verdadeira intenção das suas palavras.

Quer ser bem clara e objetiva?

MARQUEZA - Pois não. Já que me pede, eu vou usar de toda a minha franqueza.

RUDAH - Ficar-lhe-ei muito grato, pois não desejo outra coisa.

MARQUEZA - A minha impressão é a de que o senhor se deixou empolgar pela posição social e financeira de minha sobrinha e só por esse motivo se dispoz a cortejá-la.

RUDAH - (ofendido) Senhora Marqueza, como pode fazer tão mau juízo a meu respeito?

MARQUEZA : Espere. Deixe-me falar. Pedi-me para ser franca e eu estou sendo. Depois o senhor se defenderá. Eu não poderei em hipótese alguma, permitir que minha sobrinha se case fora da nossa sociedade, mas se isso por desgraça viesse a acontecer, a primeira coisa que eu faria seria desherdá-la. Portanto, se é isto o que verdadeiramente o interessa, muito melhor para o senhor seria fazermos um acôrdo.

RUDAH - (desconfiado) E a que espécie de acôrdo a senhora Marqueza se refere?

MARQUEZA - Eu poderia comprar, por bom dinheiro, o seu afastamento de minha sobrinha.

RUDAH - Um cigano digno não entende essa linguagem que a senhora Marqueza está usando. Com licença.

RUDAH SE LEVANTA, FAZ UMA CURVATURA
À FRENTE DA MARQUEZA E SAI. A MARQUEZA
FICA PARADA, TONTA. SURGE DE OUTRO
LADO ELISABETH E PARANDO PERTO DA MARQUEZA,
COM EXPRESSÃO SEVERA NO OLHAR

ELISABETH - Viu o que a senhora fez?
SEGUE RÁPIDAMENTE POR ONDE SAIU RUDAH

MARQUEZA - Elisabeth, escute... Venha cá... (Pausa. Tom.) Ela está completamente empolgada por êle e eu tenho que fazer qualquer coisa para separá-los.
Não posso deixar isto assim. Não posso.

A MARQUEZA TOCA UMA SINETINHA DE CHAMADA E DEPOIS DE ESPIAR PARA FORA RESOLVE SENTAR-SE. ENTRA NENECA.

NENECA - A senhora Marqueza chamou?

MARQUEZA - Chamei. Quero que vás ao jardim e procures ouvir, sem seres vista, a conversa de minha sobrinha com o cigano. E tudo que tenhas visto e escutado, virás depois me contar.

NENECA - Sim, senhora Marqueza.

NENECA SAI POR ONDE SAIU ELISABETH. A MARQUEZA SE LEVANTA E VAI ATÉ A JANELA OU A PORTA, OLHAR PARA FORA. FICA UM MOMENTO E FALA.

MARQUEZA - Lá estão eles. (Pausa) Ele é muito mais esperto do que eu seria capaz de imaginar. Minha luta vai ser dura.

CORTE

P.A. de ELISABETH e RUDÁ, sentados num banco e NENECA se esgueirando pelas árvores atrás do banco, no
- RECANTO DE JARDIM BONITO -

ELISABETH - Sei que minha tia ofendeu-me profundamente e por isto corri ao seu encontro para pedir-lhe desculpas por ela.

RUDAH - Não falemos mais nisto. Quero esquecer o incidente.

ELISABETH - Você não sabe o quanto isso me deixa triste. Quero que acredite que eu não tive a menor culpa no que aconteceu.

RUDAH - Acredito, sim e só por isto estou aqui ao seu lado, do contrário já me teria retirado.

ELISABETH - Você falou com Tamara.

RUDAH - Sim. Disse-lhe toda a verdade e desfiz o meu compromisso com ela.

ELISABETH SEGURA-LHE AS MÃOS NUM GESTO AFETUOSO.

ELISABETH - Tenho pena dela, sabe? Mas que posso fazer, se o amo?

RUDAH - Quero que tenha muito cuidado com Tamara. Ela já mostrou que é traiçoeira. É melhor que se cuide.

ELISABETH - Não se preocupe por mim. Sabei ser providente e si ela chegar a ferir-me ou matar-me, morrerei feliz por amar você.

RUDAH ENVOLVE ELISABETH NUM ABRAÇO. OLHAM-SE NOS OLHOS E ELE DÁ-LHE UM LONGO E GOSTOSO BEIJO NA BOCA. NESTE MOMENTO A CABEÇA DE NENECA APARECE ENTRE AS ÁRVORES E ELA COM OS OLHOS MUITO ARREGALADOS BOTA A MÃO NA BOCA E EXCLAMA, SEM TER TEMPO DE CALAR:

NENECA - Mais!... Eles se beijaram. OS DOIS SE DESPRENDEM RÁPIDAMENTE E ELISABETH DESCOBRE A NEGRINHA, CHAMANDO-A COM SEVERIDADE. ELA VEM.

ELISABETH - Neneca, venha cá. (Ela chega). O que é que você estava fazendo, escondida entre as árvores? Espiando, não é? Não sabe que isso é muito feio e que não se faz?

NENECA - Sei, dona Elisabeth, sei, mas foi a senhora Marqueza que mandou. Ela queria que eu contasse tudo que visse e ouvisse.

ELISABETH - Pois bem, se você contar a ela alguma coisa de que viu aqui, há de me ter como sua inimiga pelo resto da vida, mas se, ao contrário, você souber falar, há de receber maior recompensa do que aquela que a Marquiza lhe dará. Entendeu bem o que eu disse?

NENECA - Entendi, sim senhora, entendi.

ELISABETH - Vai falar alguma coisa, ou vai ficar calada?

NENECA - Bom, quer dizer... calada eu não posso ficar, porque ela vai me perguntar o que foi que eu vi e eu tenho que responder alguma coisa, mas o que eu vi mesmo eu não vou contar.

ELISABETH - Pois bem, se você realmente proceder assim, pode contar comigo.

RUDAN - Minha querida, eu preciso voltar ao acampamento para ultimar um trabalho que deixei começado e que devo entregar ao comprador ainda esta tarde.

ELISABETH - Eu vou acompanhar você até o portão.

ELISABETH ENFIA O BRAÇO EM RUDAN E SAEM OS DOIS
OELA CAMERA, SORRIDENTES E FELIZES EM PASSO LENTO.
NENECA FICA OLHANDO PARA OS DOIS DURANTE ALGUM TEM
PO. MUDINHO SURGE POR TRAZ DELA E PUXA-LHE O VESTI
DO. ELA SE ASSUSTA E DÁ UM PULO.

NENECA - Ai, mudinho, que susto você me deu. Pensei que fôsse um bicho. (fazendo gestos enquanto fala) Você estava aqui quando os dois estavam sentados aqui e conversando?

MUDINHO FAZ SINAL QUE SIM E COMEÇA A CONTAR, POR
GESTOS, COMO OS DOIS SENTARAM, COMO ELA PEGOU AS
MÃOS DELE E NO MEIO DO ASSUNTO FAZ **NENECA** SENTAR PER

NENECA - Ele pensa que eu não vi e está me contando tudo outra vez.

DEPOIS QUE NENECA SENTA ELE COMEÇA A REPRODUZIR TODOS OS GESTOS DE RUDAN E ELISABETH. ACONTECE QUE ESTÁ SENTADO MUITO NA PONTA DO BANCO E QUANDO PUXA NENECA PARA O BEIJO O BANCO VIRA E OS DOIS CAEM NO CHÃO. ENQUANTO MUDINHO SE LEVANTA E COMEÇA A ESTREGAR A UM TEMPO A BUNDA E A CABEÇA, NENECA FALA, ZANGADA.

NENECA - Está aí! Você quis fazer tudo tão igual que o fim sair diferente.

APROXIMAÇÃO até G.P. de NENECA, sacudindo todo o seu vestido com as mãos.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de OLENKA, sentada, conversando com TAMIR que está de pé, perto

- BARRACA DE CIGANOS -

OLENKA - É você, Tamir, que me aconselha a faltar à promessa que fiz ao Yoseph e deixar meu filho casar fora de nossa raça?

TAMIR - É claro, Olenka. Devemos olhar antes de tudo, as nossas conveniências. E você bem vê que eu falo contra a minha filha, mas a fortuna da sobrinha da Marquiza é muito superior à minha.

OLENKA - E você crê que Yosef fôsse capaz de aprovar esse casamento?

TAMIR - Ora Olenka, que dúvida! Logo Yoseph, o cigano mais ambicioso, depois de Tamir! Ele ficaria contentíssimo.

OLENKA - Se ao menos eu pudesse ter certeza disto... Tenho pedido a ele, muitas vezes, que me apareça em sonho e me diga, mas o tempo passa e ele não se aparece.

TAMIR - Tamir conhece muito bem Yosef

TAMIR - (CONT.) e é Tamir quem lhe diz que Yosef ficará satisfeito. E agora dei-xo-a, Olenka, para ^{mandar} procurar a Marqu^{ez}za.

OLENKA - Tamir vai ^{mandar} procurar a Marqu^{ez}za para falar-lhe a respeito de Rudah?

TAMIR - Não. Para falar-lhe a respeito de Tamara.

OLENKA - De Tamara? Por que? A Marqu^{ez}za apresentou queixa do atentado?

TAMIR - Não.

OLENKA - Mas então não compreendo...

TAMIR - Tamir pretende negociar, por mu^{ito} to bom preço, o afastamento de Tamara.

SAI COM UM SORRISO CANALHA NOS LÁBIOS. OLENKA FICA PENSANDO. ENTRA MIGUELA DOS FUNDOS. OLHA OLENKA, MOSTRANDO-LHE QUE OUVIU TUDO.

OLENKA - E, Miguela, parece que, desta vez, sua previsão vai falhar.

MIGUELA - Não. Miguela nunca se enganou em toda a sua vida. Rudah levará como es-
posa uma mulher de sangue cigano!

APROXIMAÇÃO até G.P. de MIGUELA, olhan-
do para longe, como quem está vendo algo.

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

SUPERPOE

- Fim do 7º Capítulo.

ENCERRAMENTO.

SA

Pedidos feitos em 26.12.
[Signature]

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER

8º CAPITULO

PERSONAGENS:

MIGUELA.....	ELVIRA TEREZINHA
CLENKA.....	MARIA MARIA <i>Marlene Nery</i>
MARQUEZA.....	LINDA GAY
NENECA.....	VERA JONES
CIOTILDE.....	MARIA VEDA
.....	
.....	
RUDAH.....	CEZAR MAGNO
AYALA.....	DORIVAL CABRERA

CENARIOS:

- 1º) BARRACA DE CIGANOS - (A mesma dos capitulos anteriores)
- 2º) SALETA ANTIGA E LUXUOSA - (A mesma dos capitulos anteriores)
- 3º) JARDIM BONITO - (O mesmo dos capitulos anteriores)

DATA DA APRESENTACAO.....

CEIJS - (Os de costume)

ABERTURA em: G.P. de OLENKA, pensando, parada no meio da barraca. Entra do fundo, vindo a ela, MIGUELA.

AFASTAMENTO até P.A. das duas.

- BARRACA DE CIGANOS -

AUDIO ; PREFIXO MUSICAL

OLENKA - É, Miguel, desta vez parece que a sua previsão vai falhar.

MIGUELA - Não. Miguel nunca se enganou, em toda a sua vida. Rudah levará como esposa uma mulher de sangue cigano.

OLENKA - Você ouviu a minha conversa com Tamir, há pouco?

MIGUELA - Ouvi tudo.

OLENKA - E mesmo assim persiste em confirmar a sua previsão anterior?

MIGUELA - Persisto.

OLENKA - Pense bem. Obe que Tamir já está resolvido a negociar o afastamento de Tamara e eu quasi convencida de que a sobrinha da Marquiza dará mais vantagens ao meu filho e, por conseguinte, a mim também.

MIGUELA - Nada disto tem importância, diante da força do destino. Eu quero viver ainda dois ou tres annos, para ouvir de tua boca que eu tinha razão no que dizia.

OLENKA - Não posso compreender, não posso! Tudo parece caminhar em direcção contrária áquillo que tú dizes.

MIGUELA - Pois deixa que continuem a caminhar assim. De repente, sem que ninguém saiba como, e sem por que, o vento do destino fará com que as coisas mudem.

OLENKA - Se eu não te conhecesse ha tantos annos, Miguel, diria que tú és teimosa e en impostora.

APPROXIMAÇÃO até G.P. de OLENKA

FUSTO com: G.P. de MARQUEZA, fazendo paciência com as cartas, sentada na - SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

DEPOIS DE HAVER FEITO PACIENCIA UM MOMENTO, NENECA ENTRA COM PACOTE NAS MÃOS E SE PARA PERTO DA MARQUEZA QUE DEMORA UM POUCO A DAR-LHE ATENÇÃO, CIMA.

NENECA - Da loja Primavera vieram trazer este pacote para a senhora.

MARQUEZA - São dois metros de voile que eu encomendei pelo telefone. Deixe aí.

NENECA - Sim senhora,

NENECA DEIXA O PACOTE EM CIMA DA MESA E VAI SAIR MAS QUANDO ELA JÁ ESTÁ PRESTES A SUMIR A MARQUEZA CHAMA E ELA VOLTA IMEDIATAMENTE.

MARQUEZA - Neneça, vem cá.

NENECA - Pronto, senhora Marqueza.

MARQUEZA - Você ontem, quando me contou a respeito da espionagem que fez de minha sobrinha e o cigano, pareceu-me um tanto insegura e vacilante. Mesmo assim eu guardei tudo quanto você disse, e agora quero que me conte outra vez para ver se não há cá em contradição.

NENECA - Senhora Marqueza, eu... eu disse tudo como foi... direitinho... Eles estavam conversando e eu cheguei por traz de árvores e fiquei escondendo. Ouvi muito bem quando ela disse para ele que a senhora não concordava com o namoro e que o melhor de tudo era terminarem.

MARQUEZA - E ele? que respondeu?

NENECA - Ele? Espere aí, deixe eu me lembrar... (Pausa) Ah, ele disse que não queria terminar porque gostava dela, mas ele não fez caso e mandou ele embora.

MARQUEZA - E aí?

NENECA - Aí, ele foi.

MARQUEZA - Quer dizer que foi tudo muito simples?

NENECA - Foi, sim senhora.

MARQUEZA - Pois é, mas é essa simplicidade de que está me enfezando. Estou achando tudo simples de mais.

NENECA VAI RESPONDER, MAS VÊ QUE CLOTILDE VAI ENTRANDO E SE CALA. A MARQUEZA OLHA CLOTILDE

CLOTILDE - Senhora Marqueza, encontra-se aí fora um homem velho que diz ser o ciga no Ayala, pretendendo falar com a senhora

MARQUEZA - Como foi que tú disseste? Um cigano velho quer falar comigo?

CLOTILDE - É, sim senhora. Disse que o nome dele é Ayala.

MARQUEZA - Que me interessam os ciganos e os nomes deles?! Dize-lhe que não o recebo.

CLOTILDE - Senhora Marqueza, ele parece tão aflito... Penso que seria interessante saber o que quer.

MARQUEZA - Tenho verdadeiro horror aos ciganos, mas se te parece que deva recebê-lo...

CLOTILDE - (baixa a voz e curva-se ao ouvido da Marqueza) Ele disse que é muito importante o que tem a dizer-lhe.

MARQUEZA - Está bem, faze-o entrar.

CLOTILDE SAI PARA INTRODUIR AYALA. NENECA VAI, LIGEIRA, COLOCAR-SE NUM PONTO ESTRATÉGICO. A MARQUEZA VÊ E OLHA PARA ELA, ZOMBETEIRA.

MARQUEZA - Você pensa que vai ficar aí para ouvir o que vamos conversar?

NENECA - Não sei, não senhora, a senhora é que sabe. Se quiser que eu fique, eu posso ficar.

MARQUEZA - Não quero que fique, não senhora. Quero que saia e não fique espiando pelas portas.

NENECA - Sim senhora, então eu saio.

NENECA VAI SAINDO LIGEIRO POR OUTRA DIREÇÃO DIFERENTE DA QUE VAI ENTRANDO AYALA, ACOMPANHADO POR CLOTILDE.

AYALA - A senhora dá licença?

MARQUEZA - (seca) Entre.

AYALA - Boa tarde.

MARQUEZA - (seca) Boa tarde.

AYALA - Se me permite...

AYALA FAZ UM GESTO, MOSTRANDO A CADEIRA.

MARQUEZA - Disponho de tão poucos minutos para conceder-lhe, que melhor será falar de pé para não perder tempo.

AYALA QUE JÁ IA SENTAR COMPREENDE E FICA

MEIO DESAGEITADO, PONDO-SE NOVAMENTE DE PÉ.

AYALA - Pois senhora Marqueza, eu aqui me encontro para preveni-la de um grande perigo que ameaça a sua família.

MARQUEZA - Eu tenho a impressão que já sei ao que o senhor se refere.

AYALA - Conheço o cigano Rudah e a cigana Tamara, sua prometida, desde pequenos e sei o quanto ela o ama e o que será capaz de fazer, se alguém tentar roubá-lo.

MARQUEZA - Ela já deu provas do que será ^{simplesmente} capaz e eu não tomei qualquer atitude pelo fato de que o atentado não teve maiores consequências, mas a cigana Tamara também não sabe quem é a Marqueza Ana Luiza Tereza de Chambord e o que ela -é capaz de fazer.

MARQUEZA - (CONT.) quando lhe exgotam a paciência. Ao mais leve sinal de agressão, ou mesmo de provocação, movimentarei toda a secretaria de segurança e os ciganos serão imediatamente expulsos da cidade.

AYALA - Senhora, a minha missão aqui é de paz. Da mesma maneira que a senhora zela pela sua sobrinha, zelo eu pelo meu neto. Um atentado de Tamara tanto magoaria a senhora como a mim e é por isto que lhe venho propor medidas de segurança para ambos.

MARQUEZA - (distante) E essas medidas em que consistiriam?

AYALA - Em que a senhora procurasse um acordo com Tamir, que é pai de Tamara e chefe do bando, para que ele se afastas se e levasse a filha.

MARQUEZA - Não quero dever favores a ciganos. Não procurarei Tamir.

AYALA - Mas senhora Marqueza, por favor! Quem paga não fica a dever favores.

ÁUDIO - ACORDEZINHO DE QUEM DESPERTA.

A MARQUEZA COMPREENDEU A FINALIDADE DA VISITA E FICA UM MOMENTO EM SILÊNCIO, APENAS REAGINDO FISIONOMICAMENTE. SORRI, DESDENHOSA.

MARQUEZA - Já compreendi tudo, mas lamentavelmente, para os senhores, minha sobrinha, ontem à tarde, terminou tudo com o cigano Rudah.

ÁUDIO - ACORDE DE SURPREZA E SUSTO.

AYALA - Ontem?!... A senhora Marqueza está bem certa disto?

MARQUEZA - Sim. Minha sobrinha *queria*

MARQUEZA - (cont.) apenas se divertir, mas
e ontem parece que compreendeu que esta
va procedendo mal e resolveu por fim à
brincadeira. De maneiras que o senhor po
de dizer à cigana prometida de Rudah que
o seu bem amado não será roubado por ou
tra.

AYALA - Se o que a senhora Marqueza está
dizendo corresponder à verdade dos fatos,
tanto eu como a senhora não mais teremos
problemas, mas se ao contrário do que diz
MARQUEZA (CORTA) O senhor quer dizer que
eu estou mentindo?

AYALA - Absolutamente. Longe de mim tal
ideia. O que penso é que eles podem ter
enganado a senhora, o que não seria nada
de admirar.

MARQUEZA - Seu neto não duvido que fôsse
capaz de fazer isto; minha sobrinha não.

AYALA - Está bem, senhora, desculpe então
se a importunei. Com licença.

MARQUEZA - É sua. Clotilde, acompanha-o
até à porta.

CLOTILDE - Pois não, senhora Marqueza.

AYALA SE RETIRA ACOMPANHADO POR CLOTILDE.

MARQUEZA - Parece até mentira que minha
sobrinha me exponha a vexames como êste!
Hoje, quando regressar, precisarei ter uma
conversa muito séria com ela!

AUDIO - CORTINA MUSICAL

VIDEO E ILUMINAÇÃO - NOITE.

OLENKA - De sorte que você quer mesmo ca
sar com essa moça?

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARQUEZA
com a fisionomia contraída.

FUSÃO com G.P. de OLENKA, conver
sando com RUDAH

- BARRACA DE CIGANOS -

RUDAN - Não desejo outra coisa.,mãe.

OLENKA - Ouça, filho: segundo fui informa-
da por seu avô, a Marquiza não deseja seu
casamento. ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~

RUDAN - Isso não importa. Desde que a so-
brinha queira...

OLENKA - Mas a sobrinha não casará sem o
consentimento da tia; estou certa disto.

RUDAN - Ela dará um jeito de convencer a
Marquiza e se isso não fôr possível, há
uma solução muito prática: raptarei Elia-
beth e, feito isto, ela mesma há de dese-
jar que o casamento se realize.

OLENKA - Não, filho, isso você não vai fa-
zer porque estou certa de que, nesse caso,
a Marquiza desherdará a sobrinha.

RUDAN - Não importa. Não desejo casar-me
com ela pela fortuna da tia.

OLENKA - Admito, mas a verdade é que você
não tem o direito de desprezá-la, porque
únicamente por causa dessa fortuna eu ad-
miti que você casasse com essa moça, que-
brando a promessa que havia feito a seu
pai.

RUDAN - Mãe, a senhora me conhece bem e
sabe do que eu sou capaz. Se encontrar
qualquer dificuldade em realizar meu casa-
mento com Elisabeth, não terei a menor
dúvida em raptá-la, ainda que perca, com
isto, todas as fortunas do mundo.

OLENKA - Pois se você tiver a audácia
de proceder desse modo e a Marquiza che-
gar a desherdar a sobrinha, fique sabendo
- desde já - que eu terei a coragem de
amaldiçoá-lo para toda a vida. E você sa-
be, muito bem, a importância que essa
maldição há de ter na sua felicidade!

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

Pedido feito
P.

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER

9º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

MARQUEZA..... LINDA GAY
CLOTILDE..... MARIA VEDA
NENECA..... VERA JONES
TAMIR..... ANTONIO DINIZ
ELISABETH..... MARIA INIZA
AYALA..... DOMINICAL CABRERA
OLENKA..... ~~ANITA~~ *Martine*
RUDAN..... CÉSAR MAGNO

CENARIOS:

- 1º) JARDIM BONITO - (O mesmo dos capítulos anteriores)
2º) SALETA ANTIGA E LUXUOSA (A mesma dos capítulos anteriores)
3º) BARRACA DE CIGANOS (Somente a parte da frente)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SETES - (Os de costume)

ABERTURA em: G.P.de RUDAN, à frente
da - BARRACA DE CIGANOS -

AFASTAMENTO ATÉ ENQUADRAR OLENKA, de
pé, perto de RUDAN, com a fisionomia
contraída.

AUDIO - PREFEIO MUSICAL

ILUMINAÇÃO E VIDEO - NOITE

RUDAN - Mãe, a senhora me conhece bem e
sabe do que eu sou capaz. Se encontrar
dificuldade em realizar meu casamento
com Elisabeth, não terei a menor dúvida
em raptá-la, ainda que perca, com isto,
todas as fortunas do mundo.

OLENKA - Pois se você tiver a audácia de
proceder desse modo e a Marquiza chegar
a desherdar sua sobrinha, fique sabendo,
desde já, que eu terei a coragem de em-
briagá-lo para toda a vida. E você sabe,
muito bem, a importância que essa maldi-
ção vai ter na sua felicidade.

RUDAN SAI DE QUADRO, VISIÃO LESTE CONTRARIADO.

OLENKA FICA OLHANDO PARA ONDE ELE SAIU. DE DEN-
TRO DA BARRACA SURGE AYALA QUE PERMANECE CATADO.

OLENKA - O senhor estava acordado? Ouvimos
o que discutíamos?

AYALA - Sim. A tua ameaça de maldição
assustou-o. O essencial, agora, é que
ele acredite nela.

OLENKA - Ele acredita porque me conhece
e sabe que nunca ameaçei em vão.

AYALA - Então já não há mais porque te
preocupares.

OLENKA - Mas é que a mocidade, às vezes,
não tem a força precisa para resistir
aos ímpetos do coração. Quero que me ajude,
Ayala, para não permitir que ele fa-
ça essa loucura.

AYALA - Ayala vai conversar com ele am-
anhã, quando já esteja mais calmo.

AUDIO - SOLO DE VIOLINO EM MÚSICA CIGANA
AO LONGE.

APPROXIMAÇÃO até C.P. de CLENKA, escutando a música do violino.

FUSÃO com: C.P. de MARQUEZA, dentada, tomando chá, servida por CLOTILDE.

- JARDIM BONITO -

AYALA - Ouves?

CLENKA - É sinal evidente de que está pre-ocupado.

AYALA - A música terminará por acalmá-lo e logo a seguir Ayala conversará com ele. Vai dormir, se quizeres.

CLENKA - Não. Enquanto ele não estiver dormindo eu também não poderei dormir. Prefiro ficar aqui.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

AUDIO - CANTOS DE PASSAÇOS.

VIDEO E ILUMINAÇÃO - DIA DE SOL

MARQUEZA - Elisabeth continua, como criar a birrenta, sem querer sair do quarto?

CLOTILDE - Penso que sim; pelo menos durante todo o dia de hoje não consegui botar os olhos nela.

MARQUEZA - Como o amor torna cega a pessoa de e destrói, de uma só vez, todos os esforços empregados, durante uma vida, para educá-la e alertá-la.

CLOTILDE - A senhora Marqueza deveria fazer valer a sua autoridade.

MARQUEZA - Não adiantaria nada com isto. Conheço perfeitamente Elisabeth. É parecidíssima comigo. Tenho que levar as coisas com calma e com habilidade.

CLOTILDE - Bem, a senhora não precisa dos meus conselhos; sabe perfeitamente o que faz.

ENTRA NENEGA EM QUADRO, DIRIGINDO-SE A MARQUEZA

NENEGA - Senhora Marqueza, está lá no portão de frente um homem que disse que se chama Tamir e quer falar com a senhora.

AUDIO - ACC. DE DE SUSTO

MARQUEZA - Como foi isso cá ali?

NENECA - Que um homem chamado Tamir de
seja falar com a senhora.

MARQUEZA - Tamir... Tamir... onde foi que
que eu já ouvi esse nome? (Pausa Pensa)
Ah, lembro-me agora. É o chefe do bando
de ciganos. Foi o outro que me disse o
nome dele. Não o recebo.

CLOTILDE - Senhora Marqueza, talvez fôsse
se conveniente ouvi-lo.

MARQUEZA - Parece-lhe, Clotilde?

CLOTILDE - Sem dúvida. Quem sabe si ele
não trará a solução que a senhora deseja.

A MARQUEZA PENSA UM POUCO. AS OUTRAS ESPERAM

MARQUEZA - Sim, Clotilde, tens razão.
Não custa ouvi-lo. Faze-o entrar para a
saleta que eu já vou lá.

NENECA - Sim senhora.

NENECA SAI POR ONDE ENTROU E A MARQUEZA ENTREGA A
TAÇA DE CHÁ A CLOTILDE. LEVANTA-SE E ACEITA-SE UM
MOMENTO.

MARQUEZA - Vamos ver o que me espera.

A MARQUEZA SAI. CLOTILDE FICA SÓSINHA, RECOLHE
DO AS TAÇAS DE CHÁ DE CIMA DA MESA DO JARDIM.

CLOTILDE - Coitado da Marqueza! Ela quer
se fazer de forte mas eu sinto que ela
está nervosíssima. Si eu pudesse fazer
alguma coisa por ela... Mas quem sou eu?

CORTE

P.A. de MARQUEZA E TAMIR, sentados
- NA SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

TAMIR - Si tomei a resolução de vir im-
portuná-la é porque conheço bem a filha
que tenho e sei do perigo que sua sobri-
nha está correndo.

MARQUEZA - E por que, em vez de vir
aqui aborrecer-me, não tomou providência
e foi junto à sua filha?

TAMIR - Porque conheço bem Tamara e sei
que não admitiria nada proibí-la ou
ameaçá-la.

MARQUEZA - Mas então que espécie de pai é o senhor que não tem a menor autoridade junto à filha?

TAMIR - Senhora Marqueza, procure compreender... Tamira é única filha... criada sem mãe... Procurei compensar-lhe essa infelicidade, fazendo-lhe todas as vontades que ela manifestasse.

MARQUEZA - Está bem, isso são detalhes da sua vida particular que sinceramente não me interessam. Mas afinal o que é que o senhor deseja de mim?

TAMIR - Avisar-lhe que sua sobrinha e Tuda continuam a namorar-se às escondidas e fazer-lhe uma proposta que será uma garantia de vida para dona Elisabeth. - Penso que é esse o seu nome, não é verdade?

MARQUEZA - Sim, mas que espécie de proposta é essa que o senhor tem a fazer-me?

TAMIR - Bem... quer dizer... eu... eu estaria disposto a afastá-la da vida de sua sobrinha, se a senhora quizesse entrar num acôrdo comigo.

MARQUEZA - E esse acôrdo qual é? Diga logo e deixe de fazer rodeios.

TAMIR - Bem... esse acôrdo vai depender simplesmente da senhora. Da importância que a senhora estiver disposta a gastar, para afastar minha filha.

MARQUEZA - Entendi. Mas, e se eu lhe disser que não estou disposta a gastar dinheiro e que as coisas vão continuar como estão?

TAMIR - Eu lamentarei muito e só me restará retirar-me e aguardar tranquilamente os acontecimentos.

MARQUEZA - Ah e o senhor diz tranquilamente, sabendo que sua filha está disposta a gastar?

TAMIR - Que posso fazer? Eu procurei evitar.

MARQUEZA - Não, o senhor não procurou evitar; o senhor procurou tirar partido da situação. É muito diferente. Como não conseguiu explorar-me, então deixa o bar co correr?

TAMIR - Exato.

MARQUEZA - É o cúmulo.

TAMIR - Senhora Marqueza, cada um age como lhe parece mais acertado.

MARQUEZA - Está bem, chega. Retire-se da minha presença. (chamando) Neneca!

NENECA PULA NA CENA, MOSTRANDO QUE ESTAVA ESCUTANDO

NENECA - Pronto, senhora Marqueza.

MARQUEZA - Acompanhe este senhor até ao portão que ele deseja retirar-se.

NENECA - Sim senhora. (Ao TAMIR) Vamos?

TAMIR PASSA PELO MARQUEZA E CHEGANDO AO PORTÃO, diz:

TAMIR - ~~xxxxx~~ Veja que não vá se arre-
pender, quando já não houver mais solu-
ção para o assunto.

MARQUEZA - Saia.

TAMIR SAI, ACOMPANHADO POR NENECA, PARA O JARDIM.

MARQUEZA - O que eles são capazes de fa-
zer por dinheiro, meu Deus! E Elisabeth,
cega que está, não vê o que todos estão
vendo. Ah, meu Deus, eu já não sei mais
o que hei de fazer! Não sei!...

CORTE

P.A. de ELISABETH e TAMIR, sentados
no - JARDIM BONITO -

ELISABETH - Pedi a Neneca que o conduzi-
se até cá, para que pudéssemos conversar
um pouco, antes do senhor se retirar.

Titia não quis negociar com o senhor o
afastamento da filha?

TAMIR - Não quis e eu estou muito recu-
so pelo que possa acontecer.

ELISABETH - Pois então vou lhe dizer que estou pensando seriamente, em fazer o que titia se negou.

TAMIR - Seria uma esplêndida medida, senhorita, para a segurança de sua vida.

ELISABETH - Não é pela minha vida que temo. Se chegar a fazer esse negócio, acredite que o faço unicamente pela segurança da vida de Judá, que me parece muito mais em perigo do que a minha.

TAMIR - Realmente, a senhorita não deixa de ter razão. Ele está muito mais ao alcance da mão dela do que a senhorita.

ELISABETH SACODE A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE.

TAMIR - Pois então a senhorita diga o que está disposta a pagar pelo afastamento de Tamara para ver se há possibilidade de um acôrdo.

ELISABETH - Eu preferia que o senhor dissesse o que pretende.

TAMIR - Se conversarmos em torno de duzentos e cinquenta mil cruzeiros, é possível que entremos em negócio.

ELISABETH - Tanto assim?

TAMIR - A senhora acha muito? Sua vida e a de Judá valem muito mais.

ELISABETH - Eu sei, mas a questão é que eu não tenho tanto dinheiro à minha disposição.

TAMIR - E joias?

ELISABETH - Bem... joias realmente eu tenho muitas, mas estão fechadas a chave na gaveta da cômoda de titia e a cômoda está no seu quarto.

TAMIR - Mas é tão simples...

ELISABETH - Parece-lhe?

TAMIR - Claro. *Não pode ser mais simples...*

ELISABETH - Como é simplicidade? Explique que eu não estou vendo.

TAMIR - E só facilitar a minha entrada na casa, durante a noite, quando a sua tia estiver dormindo e o resto correrá por conta dos ladrões que andam por aí nos montes. Eu abrirei a gaveta, tirarei as joias, escolherei as que completassem a quantia exigida e pronto.

ELISABETH - Não acredite que seja assim tão fácil. Titia tem o sono muito leve. Ao menor ruído que se fizesse no quarto ela despertaria.

TAMIR - Pois então eu lhe proponho outra forma e esta será absolutamente garantida: Ayala, o avô de Rudá, possui a extraordinária faculdade de hipnotizar as pessoas, mesmo quando estão adormecidas. Bastará facilitar-lhe a entrada no quarto de sua tia e momentos depois ela mesma estará fazendo, de olhos fechados, tudo que êle mandar.

ELISABETH - E quando despertar, não haverá o perigo de vir a lembrar-se do que aconteceu?

TAMIR - Absolutamente. Quando muito ela poderá imaginar que sonhou.

ELISABETH - Mas neste caso como explicaremos, depois, a falta das jóias?

TAMIR - Da mesma maneira. Não custa deixar vestígios de arrombamento numa das janelas da casa e na gaveta das joias.

(Pausa) Que lhe parece? Aceita a proposta que lhe faço? É a melhor maneira de agora defender a vida de Rudá.

ELISABETH PERMANECE UM MOMENTO INDECISA.

ELISABETH - Está bem, aceito. De outra maneira nada poderei conseguir.

TAMIR - Pois então estamos combinados.

8
TAMIR - (CONT.) Às onze horas da noite en-
tarei no jardim com Ayala. Até logo.

ELISABETH - Até logo.

TAMIR-AAI E ELISABETH FICA PENSANDO UM MOMENTO.

ELISABETH - É uma temeridade o que vou fa-
zer, mas preciso arriscar tudo para salvar
a vida do meu amor.

APPROXIMAÇÃO até C.P.de ELISABETH

-AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

SUPERIORE

- FIM DO 9º Capítulo.

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ÉRICO CRAMER

10º CAPÍTULO

Pedidos feitos
em 26/12/63
D.

PERSONAGENS:

ELIZABETH.....	MARIA LUIZA
CLOTILDE.....	MARIA YEDA
MARQUEZA.....	LINDA GAY
AYALA.....	DORIVAL CABRERA
TAMIR.....	ANTÔNIO DINIZ

CENÁRIOS:

- 1º) - JARDIM BONITO - (O mesmo dos capítulos anteriores)
- 2º) - QUARTO DE VESTIR E QUARTO DE DORMIR CONJUGADOS, POR UM GRANDE ARCO, TENDO UMA PORTA AO FUNDO NO QUARTO DE VESTIR E UMA JANELA À ESQUERDA. CENÁRIO LUXUOSO

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

GETÊS - (Os de costume)

ABERTURA EM: G.P. de ELISABETH, sósi
nha, pensativa olhando para a câmera
- JARDIM BONITO -

ÁUDIO - PREFIXO MUSICAL

ELISABETH - Sei que é uma temeridade
o que vou fazer, mas preciso arriscar
tudo para salvar a vida de meu amor.

ELISABETH SENTA UM MOMENTO, PENSATIVA. OUVI UM
RUIDO DE GALHO QUEBRADO E SE VOLTA APREENSIVA

ELISABETH - Será que êle voltou?
ENTRA EM QUADRO CLOTILDE, COM UMAS FLORES NA
MÃO. AMBAS SE SURPREENDEM AO ENCONTRAREM-SE.

ELISABETH - Ué! É você, Clotilde? Que
anda fazendo por aqui?

CLOTILDE - A senhora Marqueza me pediu
umas flores para ornamentar o seu orató
rio e eu fui apanhá-las no jardim. De-
pois, tive a impressão de ouvir vozes
aqui e vim verificar.

ELISABETH - (desconfiada e cuidadosa)
Vozes? Você... você encontrou alguém?

CLOTILDE - Não, quer dizer... encontrei
a senhora, neste momento.

ELISABETH - Não, não, eu pergunto se vo
cê encontrou uma outra pessoa, além de
mim.

CLOTILDE - Não senhora. Por que? Havia
mais alguém?

ELISABETH - Que eu saiba, não, mas como
você disse que ouviu vozes...

CLOTILDE - Bem, eu tive a impressão de
ouvir, mas também podia ser ilusão mi-
nha.

ELISABETH - Já sei o que foi. Lembrei-
me agora. É que eu estava cantarolando.
Talvez minha voz tivesse chegado até
você.

CLOTILDE - Deve ter sido isto mesmo, por que uma das vozes me pareceu ser a sua.

ELISABETH - E só podia ser a minha, uma vez que não havia mais ninguém aqui.. (Pausa) Você vai entrar?

CLOTILDE - Ainda não. Vou voltar a apanhar mais algumas flores, que estas me parecem poucas.

ELISABETH - Bem, então vou eu me arrumar para o jantar que estamos quasi na hora.

ELISABETH SAI. CLOTILDE OLHA PARA ELA DESCONFIADA

CLOTILDE - Que coisa engraçada... achei dona Elisabeth tão estranha... parecia asustada... desconfiada... sei lá. Mas que aqui há coisa, há. Ninguém me desconvenço disto.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CLOTILDE, pensativa e desconfiada.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de ELISABETH na frente da porta do -QUARTO DE VESTIR -

ELISABETH FAZ SINAL PARA FORA QUE ESPEREM E VAI À FRENTE ESPIAR. VOLTA E FAZ SINAL QUE A PESSOA ENTRE.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

VIDEO E ILUMINAÇÃO - NOITE. APENAS LUX DE LUAR ATRAVÉS DA JANELA.

ENTRA AYALA PELA PORTA DO QUARTO DE VESTIR. ELISABETH FECHA A PORTA COM CUIDADO E OS DOIS, PASSO A PASSO, VÃO ANDANDO PARA O QUARTO DE DORMIR, ONDE A MARQUEZA, DE CAMISÃO E TOUCA DE DORMIR, ESTÁ DEITADA DE OLHOS FECHADOS, COMO SE DORMISSE PROFUNDAMENTE.

ELISABETH - Não haverá perigo que ela desperte? (Fala em tom de segredo)

AYALA - Acredito que não. Pelo menos, até agora, nunca fui mal sucedido nas minhas experiências.

ELISABETH - Então comece de uma vez; não perca tempo.

AYALA SE COLOCA BEM PROXIMO DA MARQUEZA E BOTA AS DUAS MÃOS, ESPALMADAS, NA PRÓPRIA TESTA, COMO SE FIZESSE VISEIRA. LEVA AS MÃOS LENTAMENTE ATÉ A CABEÇA DA MARQUEZA QUE, DE VEZ EM QUANDO, SE REMEXE NA CAMA E ASSUSTA ELISABETH. AYALA REPETE VÁRIAS VEZES OS GESTOS ATÉ QUE VIRANDO-SE PARA ELISABETH E JÁ FALANDO EM TOM NORMAL DIZ:

AYALA - Penso que já está.

ELISABETH - (meio tom) Cuidado! Fale baixo.

AYALA - Não, não, agora já se pode falar alto. Ela já está sob o efeito do sono hipnótico.

ELISABETH - E não haverá perigo de despertar em meio?

AYALA - De maneira nenhuma. Vamos ver é se ela cumpre as ordens que recebe. (TOM) Sente-se, vamos.

A MARQUEZA SE SENTA NA CAMA COMO SONÂMBULA.

AYALA - Levante-se, agora.

A MARQUEZA OBEDECE E SE LEVANTA, SAINDO DA CAMA.

AYALA - Agora acenda a luz do quarto.

A MARQUEZA VAI A UM CANTO E CHEGANDO PERTO DA CHAVE, LEVANTA O BRAÇO E ACENDE A LUZ DO QUARTO

ILUMINAÇÃO E VÍDEO - CLAREIAM A CENA.

AYALA - Agora procure a chave da gaveta de sua cômoda. Depressa.

A MARQUEZA, ACELERANDO OS GESTOS, MAS SEMPRE COMO SE FOSSE UM AUTÔMATO, COMEÇA A PROCURAR A CHAVE, ENCONTRANDO-A, AFINAL, EM BAIXO DO TRAVESSEIRO SOB O QUAL ELA ESTAVA DEITADA.

AYALA - Muito bem, agora vamos abrir a gaveta da cômoda onde está o cofre das joias de sua sobrinha. Vamos ver.

A MARQUEZA CAMINHA PARA O QUARTO DE VESTIR E PARA DIANTE DA CÔMODA, SEMPRE COM OS OLHOS FECHADOS. E COLHE UMA CHAVE DO CHAVEIRO E ABRE UMA GAVETA.

A MARQUEZA RETIRA DA GAVETA UM COFRE E SE
GURA-O NAS MÃOS. ELISABETH VAI SEGURAR O CO
FRE MAS AYALA A IMPEDE COM UM GESTO.

AYALA - Não segure o cofre. (TON) Abra o
cofre e retire as joias de dentro dele.

A MARQUEZA OBEDECE. RETIRA JOIAS E ESPERA

AYALA - Retire todas as joias e entregue-
as à sua sobrinha.

ELISABETH BOTA AS MÃOS EM CONCHA E A MARQUEZA
VAI BOTANDO NELAS AS JOIAS QUE RETIRA DO COFRE.
AO ENTREGAR AS ÚLTIMAS? ESPERA ORDENS COM O CO
FRE ABERTO.

AYALA - Agora feche o cofre e coloque-o
no lugar.

A MARQUEZA COMEÇA A QUERER FECHAR O COFRE MAS
ENCONTRA DIFICULDADE. ELISABETH, INADVERTIDAMEN
TE, FAZ PRESSÃO COM A MÃO SOBRE A TAMPA DO COFRE.
QUANDO AYALA VE, MOSTRA-SE AFLITO.

AYALA - Ora, senhorita, eu lhe avisei que
não puzesse a mão no cofre.

ELISABETH - Tem razão, não sei como fui
esquecer... E agora?

AYALA - Agora precisamos apagar os sinais
digitais que devem ter ficado impressos no
cofre. Arranje-me um pedaço de flanela.

ELISABETH - Vou buscá-lo na copa. Num mi
nuto estarei de volta.

ELISABETH SAI PELA PORTA DO FUNDO E AYALA
COMEÇA A MEXER NA GAVETA, DEPRESSA, REVISAN
DO PAPEIS/. ENCONTRA UMA CARTA COM UM RETRA
TO DENTRO. OLHA A CARTA EM BAIXO E COMENTA

AYALA - Boris Yashin?... Interessante...
eu já ouvi falar neste nome... (Pausa. Ton)
Aqui está o retrato...

AYALA VIRA O RETRATO E LE A DEDICATÓRIA.

AYALA - Interessante a dedicatória... Mui
to interessante e comprometedora.

AYALA VAI GUARDAR O ENVELOPE OUTRA VEZ NA GAVETA, MAS SE ARREPENDE E RESOLVE GUARDÁ-LO NO PRÓPRIO BOLSO, AO TEMPO QUE FALA:

AYALA - Não. É melhor que o guarde consigo. Ele poderá me servir de trunfo a qualquer momento.

MAS AYALA TERMINA DE GUARDAR O ENVELOPE, ENTRA EM QUADRO ELISABETH, TRAZENDO UM PEÇAÇO DE PLANELA QUE ENTREGA AO HOMEM. ELE TIRA UM LENÇO DO BOLSO, SEGURA O COFRE E PASSA O PAÇO DE PLANELA SOBRE A TAMPA.

AYALA - Tem certeza de que apenas tocou na tampa do cofre?

ELISABETH - Certeza absoluta. Calquei na tampa para que titia pudesse fechá-lo.

AYALA - Guarda o cofre no lugar em que estava.

A MARQUEZA, SEMPRE DE OLHOS FECHADOS, PEGA O COFRE E COLOCA NA GAVETA, ONDE ESTAVA, FECHANDO A GAVETA.

AYALA - Agora passe a chave na gaveta e vá colocá-la em baixo do travesseiro, onde ela estava antes.

A MARQUEZA PASSA A CHAVE NA GAVETA, RETIRA A CHAVE E CAMINHA COM ELA PARA A CAMA. ELISABETH E AYALA SEGUEM-NÁ SEM DE PERTO. AO CHEGAR PERTO DA CAMA ELA LEVANTA O TRAVESSEIRO E COLOCA A CHAVE ONDE ESTAVA.

AYALA - E agora, deite-se e durma.

A MARQUEZA SOBE PARA A CAMA, DEITA-SE, COBRE-SE E FICA QUIETA, SEMPRE DE OLHOS FECHADOS.

AYALA - Agora é que precisamos ter todo o cuidado, porque se tirá-la do sono hipnótico ela poderá acordar.

ELISABETH - E se isto acontecer, que vamos dizer a ela?

AYALA - Se isto acontecer teremos que nos esconder imediatamente.

ELISABETH - E depois?

AYALA - Depois esperar que ela durma novamente para podermos sair do quarto.

ELISABETH - Que horror! Eu estou tão nervosa e tão arrependida de ter feito isto!

AYALA - Não pense em arrependimentos numa hora destas. Ajude-me que estou precisando da senhora. Fique olhando firme para ela, afin de ver se me ajuda e ela não se acorda.

ELISABETH FICA OLHANDO FIRME PARA A TIA. AYALA COMEÇA A FAZER AS MESMAS MORISQUEAS EM SENTIDO CONTRÁRIO AOS QUE FEZ NA PRIMEIRA VEZ, OU SEJA, DA CABEÇA DA MARQUEZA PARA A CABEÇA DELE. A MARQUEZA COMEÇA A SE REMEXER NA CAMA, DEMONSTRANDO QUE VAI ACORDAR.

AYALA - (meio tom) A luz, depressa. Apague a luz, antes que ela acorde.

ELISABETH - É verdade, não esqueçamos da luz.

ELISABETH CORRE PARA ONDE A MARQUEZA HAVIA ACENDIDO A LUZ E PINGE DESLIGAR A ORAVE.

VIDEO B

ILUMINACAO; NUL GESTO QUE CORRESPONDA COM O DE ELISABETH, ESCURECEM A CENA - NOITE

APAGADA A LUZ, ELISABETH VOLTA DEPRESSA PARA JUNTO DA CAMA. AYALA FALA NO OUVIDO DELA QUASI.

AYALA - Ela vai acordar. Vamos nos esconder.

ELISABETH - Valha-nos Deus!...

OS DOIS CORREM A SE ESCONDER EM QUALQUER PARTE DO QUARTO E A MARQUEZA SENTA NA CAMA ESPREZANDO OS OLHOS.

MARQUEZA - Que horror!... Que pesadelo! EXTENDE A MÃO PARA UMA CAMPAINHA DE FIO COM PERA NA PONTA E COMEÇA A FINFIR QUE TOCA.

MARQUEZA - Como tenho a cabeça pesada... parece que tudo gira... Fico com pena de

MARQUEZA - (CONT.) chamar a Clotilde a es-
ta hora da noite, mas sinto a cabeça tão
tonta que não me animo a levantar sózinha

ENTRA CLOTILDE QUE LOGO VAI AO PONTO DA CHAVE
DA LUZ E PINGE ACENDE-LA. ESTÁ DE CHAMBRE T TOUCA.

VIDEO E

ILUMINAÇÃO - CLAREIA A CENA.

CLOTILDE - que houve, senhora Marquez?
Está sentindo alguma coisa?

MARQUEZA - Não sei... creio que tive um
pesadelo... Sonhei que estavam roubando
minhas joias...Acordei assustada. Agora
sinto um peso na cabeça...

CLOTILDE - Deve ter sido realmente um pe-
sadelo, porque está tudo bem... Vou lhe
dar um tranquilizante e a senhora vai
voltar a dormir.

CLOTILDE ABRE UM PEQUENO VIDRO, TIRA UMA DRÁGUA
ENTREGA-A À MARQUEZA. SERVE AGUA DE UMA JARRA QUE
ESTÁ NA CABECEIRA DA CAMA E DÁ O COPO À MARQUEZA.
ELA TOMA E ENTREGA O COPO DE VOLTA A CLOTILDE.

CLOTILDE - E agora procure dormir nova-
mente.

CLOTILDE COBRE A MARQUEZA, APAGA A LUZ, SAI DO
QUARTO E FECHA A PORTA.

CORTE

P.A. de TAMIR, ansioso, procurando
qualquer coisa nas trevas.

- JARDIM BONITO -

VÍDEO E ILUMINAÇÃO - ESCURECIMENTO TOTAL.

VÍDEO E ILUMINAÇÃO - NOITE

AUDIO - TRES BATIDAS ESPAÇADAS DE RELÓGIO
DE TORRE, AFASTADO.

TAMIR - Tres horas da manhã e Ayala não
volta. Deve ter acontecido alguma coisa.
Não é possível uma demora tão grande!...

CORTE

P.A. de MARQUEZA, deitada, resonando

- QUARTO DE DORMIR

ELISABETH E AYALA SAEM COM CUIDADO DOS SEUS
ESCONDERIÇOS E VÃO NAS PONTAS DOS PÉS PARA
A PORTA. AYALA CHEGA A SAIR, MAS QUANDO ELI
SABETH VAI FAZER O MESMO, OUVI-SE A VOZ DA
MARQUEZA

MARQUEZA - Quem está aí?

ELISABETH LEVA UM SUSTO TREMENDO E PUXA A
PORTA, COLOCANDO-SE À FRENTE DELA.

ELISABETH - Sou eu, titia.

MARQUEZA - O que é que você quer?

ELISABETH - Nada. Vim ver se a senho
ra estava bem. Ouvi Clotilde levanta
-se para atendê-la e fiquei preocu-
pada.

MARQUEZA - Foi um pesadelo mas já
passou. Vá dormir.

ELISABETH - Boa noite.

ELISABETH SAI. A MARQUEZA PERMANECE UM MOMEN
TO SENTADA E SUA EXPRESSÃO É DE DESCONFIANÇA
QUASI SAI DA CAMA, MAS DESISTE E DEITA, FECHAN
DO OS OLHOS.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARQUEZA,
com os olhos fechados.

ÁUDIO : SUFIXO MUSICAL

SUPERPÔE

- Fim do 10º capítulo.

ENCERRAMENTO.

Antônio

*Pedidos feitos em
14.1.65*

Paulo

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER

11º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

TAMIR.....	<i>Antônio Diris</i>
ELISABETH.....	MARIA LUIZA
AYALA.....	DORIVAL CARRERA
OLENKA.....	<i>Marlene Ney</i>
RUDAH.....	CESAR MAGNO
MARQUEZA.....	LINDA GAY
NENECA.....	VERA JONES
MUDINHO.....	ODILON LOPES
TAMARA.....	MARZA OLIVEIRA

CENARIOS:

- 1º) - JARDIM BONITO - (O mesmo dos capítulos anteriores.)
- 2º) - BARRACA DE CIGANOS - (A mesma dos capítulos anteriores)

DATA DA APRESENTAÇÃO

TV PIRATINI - CANAL 5

GETÊS - (Os de costume)

ABERTURA em G.P. de TAMIR, presorutan
do as sombras, mostrando intranquilida
de - JARDIM BONITO -

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

VIDEO - NOITE

TAMIR - Não posso compreender uma demo
ra tão grande. Há mais de tres horas
que Ayala está lá dentro é... (Transi-
ção) Ah, finalmente, parece que agora
voltam. Eu não podia mais de ansiedade.
Já estava pensando que a moça tivesse
feito uma cilada para prender o velho
Ayala.

ENTRAM ELISABETH E AYALA PELA CAMARA. ELA TRAZ
NA MAO UM LENÇO COM O QUAL FEZ UMA PEQUENA TROU
XA PARA CONDUZIR AS JOIAS.

TAMIR - Óra até que enfim! Eu já estava
sêriamente preocupado.

ELISABETH - Não queira saber o que nos
aconteceu; por duas vezes quasi fomos
surpreendidos.

AYALA - Foi um trabalho que me deixou
cansado, isto é... não foi propriamente
o trabalho que me cansou, mas a espera
e a expectativa.

TAMIR - Por que? Ela resistiu à sua fô
ça?

AYALA - Não, mas a sua mente não se ap
gou por completo e ao arrancá-la do co
no ela despertou logo e não nos deu tem
po de fugir. Tivemos que nos esconder
ELISABETH - (completando) e esperar que
ela dormisse outra vez, para podermos
sair. Por isto demoramos tanto.

TAMIR SENTANDO NO BANCO E FAZENDO UM GESTO PA
RA ELISABETH, A-FIM-DE QUE ELA SE SENTE TAMBEM

TAMIR - Vamos ao que mais interessa: trouxe as joias?

ELE ESTENDE A MÃO PRETENDENDO PEGAR A TROUXINHA.

ELISABETH - Trouxe, mas não vou lhe entregar todas. Apenas as que completam a sua exigência de duzentos e cinquenta mil cruzeiros. As restantes ficarão comigo.

TAMIR - Bem, bem, vamos então resolver isto logo. Advirto-lhe que conheço muito bem joias e que sei, melhor, avaliá-las.

ELISABETH - Minhas joias já foram todas avaliadas por bons joalheiros, de forma que não vou ter dificuldade na tarefa.

ELISABETH ABRE A TROUXA E PEGA LOGO UMA PULSEIRA QUE ENTREGA NA MÃO DE TAMIR. ELE A EXAMINA.

ELISABETH - Esta pulseira, por exemplo, está avaliada em sessenta e cinco mil cruzeiros.

TAMIR - É alta a avaliação. Cincoenta mil está bem.

ELISABETH - Vá lá que seja. Aqui temos esta corrente de ouro com medalhão de rubis, pérolas e esmeraldas. Foi avaliada em oitenta mil cruzeiros.

TAMIR EXAMINA A CORRENTE E O MEDALHÃO

TAMIR - É alta também a avaliação. No máximo pode valer cinquenta e cinco mil cruzeiros.

ELISABETH - Está bem, não vamos discutir ninharias. Agora temos aqui este par de brincos, este outro pulseira, tres anéis. Este outro colar. Tudo isto vale mais de cem mil cruzeiros.

TAMIR EXAMINA TUDO, VAI BOTANDO NO BOLSO E, AO TERMINAR DE EXAMINAR A ÚLTIMA PEÇA ESPERA MAIS.
ELISABETH COMPREENDE E FECHA A TROUXINHA DE JOIAS

ELISABETH - Já lhe dei muito mais do que exigiu em dinheiro. Penso que bastará.

TAMIR - Perfeitamente. Amanhã mesmo conversarei com Tamara e depois de amanhã estaremos a caminho de outras terras.

ELISABETH - Assim espero.

OS DOIS - Boa noite.

ELISABETH - Boa noite.

OS DOIS SAEM DE QUADRO. ELISABETH FICA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ELISABETH

ELISABETH - Eu sei que fiz mal, mas o que está feito está feito e o que se faz por amor sempre tem desculpa.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

SUSTO com: G.P. de OLENKA conversando com RUDAN, no interior da
- BARRACA DE CIGANOS -

VIDEO E ILUMINAÇÃO - DIA

OLENKA - Filho, precisamos começar a arrumar nossas coisas. Amanhã nosso bando vai levantar acampamento.

RUDAN - Temir avisou-me esta tarde.

OLENKA - Devemos acampar muito longe daqui. A vinte cinco ou trinta quilômetros, pelo menos.

RUDAN - Eu já avisei a Temir que ficarei.

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA.

OLENKA - Ah, sim? E por que? Vai encontrar-nos mais tarde?

RUDAN - Não, mãe. Eu não irei amanhã nem mais tarde; vou me desligar do bando.

AUDIO - REPETE O ACORDE DE SUSTO.

OLENKA - O quê?... Você vai se desligar do bando?

RUDAN - Já me desliguei.

OLENKA - E o chefe Temir concordou em deixá-lo?

RUDAN - O chefe nem está fazendo questão de me levar. Não sei porque, mas tenho a impressão de que, para ele, é mais negócio que eu fique.

OLENKA - Mas e eu? Que papel represento em tudo isto?

RUDAN - O papel que a senhora deseja.

OLENKA - Eu não me resignarei a viver longe de você; lembre-se de que é o meu único filho.

RUDAN - Mas eu não pretendo impedir que a senhora fique comigo, se quiser.

OLENKA - Eu o tenho avô, porque teu pai também não me perdoaria se o abandonasse.

RUDAN - Também não se oporho a que fiquem os dois. A única coisa é que terão que mudar de vida.

OLENKA - Eu farei tudo que você quiser, desde que me deixe ficar ao seu lado.

RUDAN - Alguns meses na casa e eu trabalharei para mantê-los.

OLENKA - Obrigada, filho. Podes crer que eu e teu avô havemos de fazer tudo para que te sintas feliz perto de nós.

RUDAN - Não desejo mais nada.

OLENKA - Hoje mesmo falarei com teu avô e amanhã cedo iremos falar com Tania e pedir-lhe o nosso desligamento do bando.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

MARQUEZA - Mas então é certo que você nunca mais surpreender Elisabeth no jardim conversando com o cigano?

NENECA - É certo, sim, senhora Marquesa.

MARQUEZA - Neneca, eu tenho certeza absoluta de que você está mentindo.

NENECA - Não estou, senhora Marquesa, juro como não estou.

MARQUEZA - Não jure falso, menina. Não tem medo de um castigo?

APROXIMAÇÃO até G.P. de OLENKA, olhando enlevada para o filho.

FUSÃO com: G.P. de MARQUEZA, sentada lendo um livro e NENECA perto.

- JARDIM BONITO -

P.A. de NENECA.

PAN VERT. até detalhe do pé
fazendo movimento negativo.

A MARQUEZA SAI E NENECA FICA COM A CARA MUITO
ASSUTADA. SEGURA A BOCA UM MOMENTO, PASSA A MÃO
NAS COSTAS E SORRINDO OLHA PARA O PÉ, REPETINDO
O MOVIMENTO NEGATIVO.

NENECA - Pois sim! E o pé, aqui, não está
garantindo a mão? Nasce rabo mas Deus é
grande.

SURGE EM CENA O MUDINHO, VINDO DE QUALQUER LADO.
COMEÇA A FAZER MORISQUETAS PERGUNTANDO O QUE HOU
VE. NENECA TENTA EXPLICAR. FAZ GESTOS E FALA.

NENECA - Você quer saber o que foi que
aconteceu? A Marqueza quer que eu conte
dos namoros de dona Elisabeth. Mas eu
não conto. A dona Elisabeth é minha ami
ga e me dá presentes.

MUDINHO FAZ GESTOS DE QUE GOSTA DE ELISABETH

NENECA - Você está dizendo que também
gosta de Elisabeth? (Ele afirma com a
cabeça) A dona Elisabeth é um amor.

O MUDINHO FAZ SINAL QUE NENECA TAMBÉM É UM.

NENECA - Você quer dizer que eu também
sou um amor? Ué, deu pra isso agora?

NENECA - Mas eu não ia jurar falso, se
nhora Marqueza.

MARQUEZA - Não ia? Pois então quero ver
se você tem a coragem de jurar. (Pausa)
Jure, quero ver.

NENECA - Eu quero ver a minha mãe morta,
no meio de quatro velas, como eu não vi.

MARQUEZA - E agora acrescenta: juro por
Deus Nosso Senhor e quero que Deus me cas
tigue se estou mentindo.

NENECA - Juro por Deus Nosso Senhor e que
ro que Deus me castigue se estou mentindo.

MARQUEZA - Pois bem, se você jurou falso,
duas coisas podem lhe acontecer: ou você
fica de boca torta ou lhe nasce um rabo.

O MUDINHO COMEÇA A AVANÇAR EM NENECA QUE FICA TODA DERRETIDA, MAS COMEÇA A FINGIR QUE NÃO QUER. SE SACODE TODA, NERVOSA, FINGE QUE QUER TIRAR A MÃO DELE E QUE NÃO CONSEGUE.

NENECA - Para, Mudinho, para... eu não sei se deva... Ai Mudinho, eu estou tão nervosa... isso não se faz... Para, Mudinho, para... daqui a pouco você me faz perder a cabeça...

O MUDINHO ESPICHA BEM OS BEIÇOS NA DIREÇÃO DOS LÁBIOS DELA, MAS NÃO AVANÇA. ELA É QUE VAI AVANÇANDO, AO TEMPO QUE FALA.

NENECA - Não, Mudinho, não, não faça isso. Isso não se faz. Você está abusando de uma inocente....

QUANDO NENECA VAI BEIJAR O MUDINHO, SURGE ELISABETH EM QUADRO E FALA AO TEMPO QUE ENTRA E VÊ.

ELISABETH - Que é isso aqui?

MUDINHO DÁ UM EMPURRÃO TÃO GRANDE EM NENECA QUE ELA CAI PARA TRAZ DO BANDO E ELE SAI VOANDO. ELISABETH, CONTENDO O RISO, VAI AJUDAR NENECA A LEVANTAR.

ELISABETH - Mas então, hein? Muito bonito!

NENECA - Ele estava querendo abusar de mim, dona Elisabeth. A sorte é que a senhora chegou.

ELISABETH - É. Ele é que estava querendo abusar de você. Eu vi. Mas de hoje em diante não é só você que tem o meu segredo. Eu também tenho o seu. Se não andar direitinha comigo, já sabe.

APROXIMAÇÃO até G.P. de NENECA, sacudindo a cabeça afirmativamente.

FUSÃO com: G.P. de TAMARA, raivosa, batendo o pé, perto de TAMIR.

- BARRACA DE CIGANOS -

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

TAMARA - Não quero sair daqui. Não quero e não quero. Se Rudah não vai, eu também não quero ir, pronto.

TAMIR - Mas minha filha, seja razoável. Por que há de insistir com Rudah si ele já declarou que não gosta mais de você?

TAMARA - Mas eu ainda gosto dele e não quero perdê-lo.

TAMIR - Mas dessa maneira, você cada vez o afastará mais. Eu falo como homem que sou. O homem não gosta da mulher que o procura. Ele gosta é de ser desprezado. Se você o desprezar e fôr embora, há de ver como em menos de um ano ele irá procurá-la.

TAMARA - Um ano, pai? Mas um ano é tanto tempo!

TAMIR - Mas é muito melhor esperar um ano e recuperar o seu amor do que continuar a persegui-lo e perdê-lo definitivamente.

TAMIR METE A MÃO NO BOLSO E TIRA UMA CORRENTE COM MEDALHA, A MESMA QUE RECEBEU DE ELISABETH

TAMIR - Olhe o que eu tenho para você, se você concordar em sair daqui amanhã.

TAMARA PEGA A MEDALHA E OS SEUS OLHOS SE ENCHEM DE COBIÇA. AFAGA A MEDALHA, ENCOSTA-A NO PEITO, SEMPRE MARAVILHADA COM O QUE TEM NAS MÃOS.

TAMARA - Que maravilha, pai! É ouro, não?

TAMIR - Do melhor que existe. E as pedras são rubis e esmeraldas. No centro uma pérola finíssima do Oriente.

ELA CONTINUA MARAVILHADA. TAMIR TIRA-A DAS MÃOS DELA E TORNA A BOTAR NO BOLSO. ELA SE ADMIRA.

TAMARA - Tamir não disse que era para Tamara?

TAMIR - Disse. Mas impoz uma condição.

TAMARA - A de sair daqui amanhã...(Pausa) Deixe-me ver novamente a medalha.

TAMIR SORRINDO, MATREIRO, ENTREGA-LHE A MEDALHA

TAMIR - O valor dessa medalha, hoje, é superior a duzentos mil cruzeiros.

TAMARA CONTEMPLA-A MAIS ALGUM TEMPO COM
OS OLHOS DERRAMANDO COBIÇA;

TAMARA - É uma beleza, realmente. Nunca vi uma joia que me agradasse tanto.

TAMIR - E então? Que decide?

TAMARA - (Pausa) Aceito a medalha.

TAMIR - E parte amanhã?

TAMARA - Parto.

TAMIR - Há de ver que não se arrepende
rá.

TAMARA DA A CORRENTE PARA TAMIR COLOCAR NO
SEU PESCOÇO, VIRANDO-SE DE COSTAS PARA ELE.

TAMIR - Talvez em menos de um ano Ruda
esteja de volta, pedindo de joelhos se
perdão!

APROXIMAÇÃO até G.P. dos DOIS.

TAMARA SORRINDO.

SUPERPÔE

- Fim do 11º Capítulo.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL
ENCERRAMENTO.

As falas
Di

Pedidos feitos em
14.1.68
Paula

SANGUE CIGANO

TELE-NOVELA DE ERICO CRAMER

12º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

TAMIR..... *Antônio Dória*
TAMARA..... MARZA OLIVEIRA
ELISABETH..... MARIA LUIZA
RUDAH..... CEZAR MAGNO
MARQUEZA..... LINDA GAY
CLOTILDE..... MARIA YEDA
AYALA..... DORIVAL CABREIRA
OLENKA..... *Marlene Dery*
3 BAILARINAS MOÇAS..... (Pedir dona Tony)
3 figurantes homens (ciganos) = Jahir David

CENARIOS:

- 1º) - BARRACA DE CIGANOS - (A mesma de sempre)
2º) - JARDIM BONITO - (O mesmo de sempre)
3º) - SALETA LUXUOSA E ANTIGA - (A mesma de sempre)

NOTA: O cenário da barraca, neste capítulo deve ser ampliado por laterais de mato, pois será dançada uma dança cigana por três bailarinas.

GETES - (Os de costume)

ABERTURA em: P.A. de TAMIR e TAMARA.

TAMIR está botando uma medalha n pes
coço de TAMARA que está sorridente.

- BARRACA DE CIGANOS -

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

TAMIR - Talvez em menos de um ano Rudah
esteja de volta, pedindo, de joelhos, o
seu perdão.

TAMARA - Tens certeza de que não dizes is
to apenas para me engambelar?

TAMIR - Certeza absoluta. Antes de te
dizer isto, consultei a velha Miguela.
Ben sabes que ela nunca mentiu, nem se
enganou.

TAMARA - Não sei o que pensar daquela
bruxa. Para mim ela já não disse a mesma
coisa.

TAMIR - Como assim? Que te disse ela?

TAMARA - Que eu jamais me casaria com Ru
dah.

TAMIR - Ben, mas isso é outra coisa. Não
te casarás com ele porque daqui a um ano
já o terás esquecido e te prendido por
outro, mas isso não impede que ele volte
a te suplicar que o recebas. E nessa oca
sião tã lhe darás o trôco do que ele está
fazendo agora.

TAMARA PEGA A MEDALHA TODA DENTRO DA MÃO

TAMARA - Eu gosto de Rudah e me casaria
com êle, mas penso que saí ganhando na
troca. Gosto muito mais de dinheiro...
de joias... e de mim mesma.

TAMIR - Não fôsses filha de Tamir para
pensar diferente.

TAMARA - Esta medalha é maravilhosa! Lin
dissima. Eu acho que seria capaz de trocá
- la até por ti mesmo, pai.

TAMIR - E pensas que eu não sei que estás falando a verdade? Sempre foste interesseira. Desde pequenina.

TAMARA - Hei de usá-la sempre. Nunca mais hei de tirá-la do pescoço.

TAMIR - Ela há de ser, para ti, como um talisman. Há de te dar tudo que desejares. Até um novo amor, se quizeres. Mas deixa-me verificar se ficou bem fechada, para que não a percas.

TAMIR SE COLOCA POR TRAZ DE TAMARA E SEGURA A CORRENTE DA MEDALHA COM AS DUAS MÃOS.

APROXIMAÇÃO até DET da CORRENTE e das mãos.

FUSÃO com DET de OUTRAS MÃOS e outra corrente. ELISABETH está botando no pescoço de RUDA uma corrente com cruz.

- JARDIM BONITO -

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

VIDEO E ILUMINAÇÃO - NOITE

ELISABETH - Esta cruz é o símbolo da fé que eu professo e que você, um dia, se Deus quizer, há de professar também.

RUDAN - Estou certo de que se você me falar no seu Deus, todos os dias, eu acabarei por acreditar nele e venerá-lo.

ELISABETH - Será mais um fator que contaremos para quebrar a resistência de titia.

RUDAN - Você crê que possamos vir a quebrá-la algum dia?

ELISABETH - E por que não? Um dia ela há de se convencer que você não é ambicioso nem falso, como é a impressão que ela guarda de todos os homens da sua raça.

RUDAN - E por que isto? Será que algum dia ela foi ludibriada por algum cigano?

ELISABETH - Com certeza deve ter sido e só assim se justifica o horror que ela tem de vocês.

RUDAH - Si ela soubesse o desprezo que tive, sempre, pelo dinheiro e o quanto eu me sentiria mais feliz se você fôsse uma moça pobre... ao menos estaria livre dessa suspeita execrável.

ELISABETH - E nesse caso, será que sua família estaria de acôrdo em que você renegasse aos de sua raça para se tornar esposo de uma pobre, sem eira nem beira?

RUDAH - Tem razão. Ainda temos essa outra face do problema. O mais certo é que eles não estivessem de acôrdo.

ELISABETH - Pois é, e depois ainda há quem diga que o dinheiro resolve e facilita tudo. No nosso caso ele só tem servido para complicar.

RUDAH - É isto mesmo, mas deixemos isso de parte, agora e falemos de outras coisas. A esta hora os meus companheiros de bando devem estar a despedir-se de mãe e vovô Ayala. Queriam que eu ficasse também para as despedidas, mas eu me escapei. É uma outra coisa que eu detesto, ter que despedir-me de alguém.

ELISABETH - Eu também não gosto. Principalmente das pessoas a quem quero bem. Parece que me arrancam um pedaço de mim mesma.

RUDAH - Si eu fôsse embora, era isto que você ia sentir?

ELISABETH - Não. Ai não seria um pedaço de mim mesmo, que me arrancariam, mas todo o meu coração.

RUDAH DÁ-LHE UM ABRAÇO COM FORÇA E BEIJA-A NO ROSTO.

APROXIMAÇÃO até P.A. dos DOIS.

RUDAH - Querida! Como eu fico feliz em vindo-te falar assim.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSTO com: G.F.de MARQUEZA, de camisa e touca, aflita no meio da sua

- SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

VIDEO E ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE.

MARQUEZA - Mas não é possível que a esta hora da noite Elisabeth não esteja dentro de casa. A cama está desfeita, sinal de que deitou e depois levantou.

CIOTILDE - Não creio que tenha deitado. O camisã está dobradinho, debaixo do travesseiro; prova de que não foi usado. Deu feio a cama, com certeza, para inventar qualquer desculpa, caso fosse surpreendida, como aconteceu.

MARQUEZA - Deve estar aí pelo jardim, em idílio com o tal cigano. Mas hoje eu vou ter uma conversa muito séria com ela. Muito séria mesmo. Clotilde eu estou disposto até a encerrá-la num convento, se for preciso, para acabar com essa bobagem de se namoro.

CIOTILDE - A senhora Marqueza se esquece que dona Elisabeth é maior e que não se sujeitará a esta exigência.

MARQUEZA - Se não quiser se sujeitar o seu prejuízo será ainda maior. Não terei nenhuma dúvida em desherdá-la.

A MARQUEZA VAI À JANELA E OLHA PARA FORA UM MOMENTO. VOLTA PARA ONDE ESTAVA. SENTA. LEVANTA. ESTÁ VISIVELMENTE NERVOSA E CONTRARIADA.

MARQUEZA - Estas moças de hoje são ousadas e sem pudor. Como pode alguém arriscar-se desse jeito, meu Deus!...

CIOTILDE - Senhora Marqueza, eu tive uma ideia para fazer a senhorita Elisabeth voltar imediatamente para dentro, se estiver aí no jardim.

MARQUEZA - Que ideia, Clotilde?

CLOTILDE - Eu me lembrei que nós poderíamos acender todas as luzes da sala, que ela - de onde estivesse - poderia perceber e então se apressaria em voltar logo.

MARQUEZA - Mas já viria, pelo caminho, pensando na desculpa que me daria e eu não quero isto. Quero pegá-la de surpresa. Vou ficar aqui sentada, no escuro, até à hora em que ela voltar. Quando vier então você acenderá inesperadamente a luz e eu perguntarei, ao mesmo tempo, "onde esteve?" Ela não terá tempo de improvisar uma resposta e será obrigada a confessar a verdade.

CLOTILDE - (desanimada) Vamos então ficar aqui até à hora em que ela volte?

A MARQUEZA SE SENTA E FAZ SINAL PARA CLOTILDE SENTAR TAMBEM.

MARQUEZA - Sim. Vamos ficar aqui até à hora em que ela volte.

CLOTILDE SE SENTA E FAZ UMA EXPRESSÃO DESOLADA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CLOTILDE

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de OLENKA, com TAMIR

e AYALA, todos de pé, à frente de uma

- BARRACA DE CIGANOS - COM MATO EM O LTA

VIDEO E ILUMINAÇÃO - Continua noite.

TAMIR OLHA PARA A FRENTE E COMENTA.

TAMIR - Os ciganos estão se reunindo para a festa da despedida de vocês. Rüdah deveria estar aqui.

OLENKA - Não está e não virá tão cedo.

TAMIR - Será uma falta de cortezia para com os seus irmãos de sangue.

OLENKA - Ayala é testemunha de que fiz tudo para prendê-lo, mas não consegui.

AYALA - É verdade, sim. Também eu intercedi, procurando chamá-lo à razão, mas não obtive resultado.

agui

TAMIR - Criará uma situação de antipatia em torno dele. Ninguém lhe vai perdoar a ausência.

OLENKA - Ele está tão empolgado pela sua conquista que tudo mais se tornou indiferente à sua vida.

AYALA - Realmente assim é, tanto que sugeri a Olenka que seguissemos com o bando e o deixássemos só, pois que, para ele, vai ser completamente indiferente a nossa presença.

OLENKA - Talvez seja, mas não importa. É preferível que estejamos vigilantes, mesmo desprezados.

TAMIR - Realmente. Acho que neste ponto Olenka tem razão. Já que ele está cego e não tem olhos senão para o seu amor, é bem provável que venha a precisar dos olhos de vocês.

agui

OLENKA - E é só por isso que fico. Não penses que abandono o bando com prazer ou indiferença. Não. Minha mágoa é imensa, mas o meu dever de mãe amorosa é vigiar o meu filho único, fruto do meu grande amor por Yoseph.

TAMIR - Eu também lamentarei tua ausência Olenka. E a do velho Ayala também. Ele talvez me faça muita falta com a sua experiência.

AYALA - Eu penso que todos voltaremos ao bando, algum dia. Não sei se ficaremos separados muito ou por pouco tempo, só sei que voltaremos.

OLENKA - Foi o que também ontem me afirmou a velha Miguela, ao botar as cartas para mim.

AUDIO - COMEÇA UMA MÚSICA CIGANA EM FUNDO

TAMIR - Olhem, vai começar a cerimônia da despedida. Começam a se movimentar as ciganas que devem introduzir, na roda, os homenageados.

OLENKA - (preocupada) E que explicação daremos pela ausência de meu filho?

TAMIR - Eu o representarei. Será a maneira de salvar a situação.

NESTE MOMENTO, AO COMPASSO DA DANÇA, ENTRAM PELA CAMERA TRES CIGANAS RICAS, EXECUTANDO UM BAILADO A PRENTE DOS INTERLOCUTORES. ESSE BAILADO NAO DEVERA EXCEDER DE DOIS MINUTOS. QUANDO ESTIVER PARA FIM O BAILADO, UMA CIGANA (DANÇARINA) PEGA TAMIR PELA MAO E SAI DE QUADRO COM ELE, PELA CAMERA. A SEGUNDA BAILARINA FAZ O MESMO COM OLENKA E A TERCEIRA COM AYALA. AO DESAPARECER O TERCEIRO...

APROXIMAÇÃO até DET da LONA da BARRACA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com DET de CORTINA na

- SALETA ANTIGA E LUXUOSA -

AFASTAMENTO até P.A. de MARQUEZA

e CLOTILDE, sentadas na SALETA, ambas sacudindo a cabeça, cochilando.

AUDIO - TRES BATIDAS DE RELOGIO DE TORRE, AFASTADO.

CLOTILDE ABRE OS OLHOS REPENTINAMENTE, COMO SE TIVESSE SENTIDO ALGUM RUÍDO. OLHA LOGO PARA DETERMINADO PONTO DA SALETA. ELISABETH ESTÁ ENTRANDO EM PONTAS DE PÉ. VOLTA A CAMERA PARA CLOTILDE QUE SACODE A MARQUEZA PARA ACORDÁ-LA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARQUEZA, despertando.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

SUPERPOE

- fim do 12º capítulo.

ENCERRAMENTO.